



(RE)LIGAR-SE À DEMOCRACIA

UM REFERENCIAL PEDAGÓGICO
DE EDUCAÇÃO PARA A DEMOCRACIA





Financiamento

Este projeto recebeu financiamento do programa de investigação e inovação Horizonte Europa da União Europeia, ao abrigo do Acordo de Subvenção n.º 101094052, e da UK Research and Innovation (UKRI) — número de referência: 10063654.

Declaração de exoneração de responsabilidade

Financiado pela União Europeia. As opiniões e pontos de vista expressos são, no entanto, exclusivamente dos/as autores/as e não refletem necessariamente os da União Europeia ou das autoridades financiadoras. Nem a União Europeia nem as autoridades financiadoras podem ser responsabilizadas por estes.

Título e licença

(Re)Ligar-se à Democracia: Um Referencial Pedagógico para a Educação para a Democracia
© 2026 Consórcio AECED (University of Lapland — Finlândia, University of Hertfordshire — Reino Unido, Marburg University — Alemanha, Universidade Aberta — Portugal, Riga Technical University — Letónia, University of Zagreb — Croácia).

Este trabalho está licenciado ao abrigo da Creative Commons Attribution 4.0 International License (CC BY 4.0). Para consultar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Acessibilidade e utilização com ferramentas de leitura em voz alta


Este documento foi concebido para apoiar a utilização com ferramentas de leitura em voz alta e tecnologias de apoio. O texto está organizado numa estrutura clara e numerada e apresentado numa ordem de leitura lógica, para facilitar a leitura áudio. As imagens e os diagramas incluem texto alternativo sempre que transportam significado.

Devido às limitações atuais da plataforma, a navegação em ecrã inteiro por níveis de títulos poderá não estar disponível neste PDF. Uma versão acessível em Word deste documento está disponível mediante pedido.

Todos os diagramas e tabelas deste documento são acompanhados por um breve texto explicativo, de modo a garantir a acessibilidade a leitores que utilizem leitores de ecrã ou ferramentas de leitura em voz alta.

Este documento pode ser citado da seguinte forma:

Consórcio AECED (2026). (Re)Ligar-se à Democracia: Um Referencial Pedagógico para a Educação para a Democracia. DOI: 10.5281/zenodo.19235788



Contribuições para a criação do referencial pedagógico: escrita, edição, revisão
(Os nomes estão listados por ordem alfabética dentro de cada instituição parceira)

University of Lapland (Finland)

Pauliina Jääskeläinen; Pilvikki Lantela; Susan Meriläinen; Joonas Vola; Sandra Wallenius-Korkalo;

University of Zagreb (Croatia)

Katarina Aladrović Slovaček; Monika Pažur

Philipps-Universität Marburg (Germany)

Kardelen Dilara Cazgir; Veronika Clara Pinzger; Lea Spahn; Susanne Maria Weber

Riga Technical University (Latvia)

Karine Oganisjana; Rolands Ozols

Universidade Aberta (Portugal)

Marta Abelha; Ana Patrícia Almeida; Pedro Abrantes; Cláudia Neves; Juliana Oliveira,

University of Hertfordshire (United Kingdom)

Jo Barber; Suzanne Culshaw; Claire Dickerson; Karen Mpamhanga; Philippa Mulberry; Marie Toseland; Philip Woods

O que pode ser feito para enfrentar os múltiplos desafios que as democracias enfrentam atualmente?



Uma parte fundamental da resposta a esta questão passa pela criação de oportunidades que permitam às pessoas estabelecer ligações com:

- os valores, os princípios e as possibilidades da democracia;
- as qualidades humanas que tornam possível uma democracia de qualidade;
- o poder de nos relacionarmos com os outros de forma democrática.

Este referencial pedagógico propõe uma abordagem à educação para a democracia que visa apoiar o desenvolvimento destas ligações. Apresenta a Aprendizagem Estética e Corporizada para a Democracia (AECD), que coloca no centro da educação democrática a aprendizagem através do movimento, da escuta, da experiência sensível, da relação com os outros e do aprofundamento da consciência.

Muitos educadores já recorrem a métodos estéticos e corporizados, e muitos outros desenvolvem um trabalho explícito de fortalecimento da democracia através da educação cívica ou participativa. O elemento inovador da AECD reside na integração intencional destas duas dimensões, articulando a aprendizagem estética e corporizada com o cultivo de relações, valores e sensibilidades democráticas. Para educadores que já utilizam práticas baseadas nas artes ou no corpo, a AECD oferece uma nova perspectiva que permite reconhecer e expandir o potencial democrático do seu trabalho. Para aqueles que pretendem reforçar a educação para a democracia e a educação cívica, este referencial pedagógico disponibiliza caminhos concretos para integrar estes princípios na sua própria prática educativa.

Porque é que isto é importante?



Conectar-se com a democracia não diz respeito apenas ao que sabemos ou pensamos, frequentemente designado como aprendizagem cognitiva. Exige também um tipo de aprendizagem que envolve o que sentimos, percebemos, valorizamos e fazemos, bem como a forma como nos relacionamos uns com os outros e com o ambiente que nos rodeia. A Aprendizagem Estética e Corporizada para a Democracia (AECD) apoia este tipo de aprendizagem. A nossa investigação demonstrou que é possível:

- Cultivar qualidades essenciais à democracia, como a humildade, o respeito, a empatia e a escuta ativa;
- Aumentar a consciência estética e corporal, promovendo um maior conhecimento de si próprio e uma compreensão mais profunda do mundo;
- Incentivar formas mais democráticas de aprender e de construir conhecimento;
- Criar percursos colaborativos de aprendizagem e descoberta, abertos a múltiplas possibilidades;
- Desenvolver uma sensibilidade democrática mais apurada.

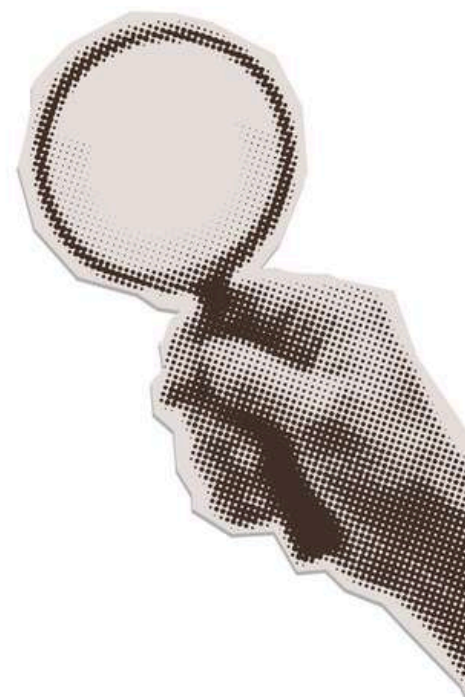
Este referencial pedagógico destina-se a todas as pessoas interessadas na educação para a democracia – quer pretendam cultivar culturas, relações e práticas democráticas, quer desejem explorar o contributo da aprendizagem baseada nas artes e no corpo para a inclusão, a participação e o exercício da democracia. Inclui educadores, professores, profissionais envolvidos na educação de adultos, na formação profissional e na aprendizagem organizacional, líderes, investigadores e decisores políticos, tanto em instituições educativas como noutros contextos, incluindo o comunitário.

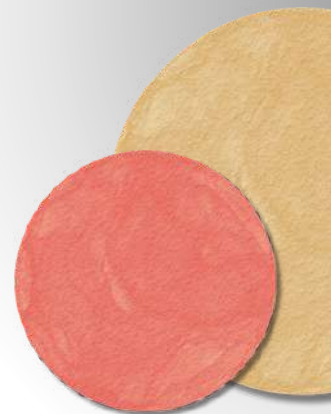
Este referencial pedagógico funciona como uma porta de entrada para recursos mais detalhados, que oferecem orientação para a prática da Aprendizagem Estética e Corporizada para a Democracia (AECD).

Se este referencial pedagógico estiver alinhado com os seus interesses e prioridades, constitui um convite à exploração de formas através das quais a democracia pode ser sentida, vivida e aprendida em conjunto.

Para explorar a AECD mais aprofundadamente, o melhor ponto de partida é o site do Projeto AECED, em www.aeced.org. Aí poderá encontrar:

- O referencial pedagógico (este documento);
- Os guias práticos, que apresentam exemplos e atividades;
- Ferramentas e recursos de reflexão;
- Os relatórios de investigação (Resultados D4.4 e D4.5), que estiveram na base destas propostas.





Índice

1. Introdução
2. Desafios atuais da democracia
3. Porque é que a aprendizagem estética e corporizada é importante para a democracia
4. Definição de Aprendizagem Estética e Corporizada para a Democracia (AECD)
5. Ideias-chave que sustentam a AECD
6. Públicos e contextos da AECD
7. Adaptação da AECD a contextos locais, nacionais e culturais
8. Do referencial pedagógico à prática

Anexos

- Glossário
- Contextos dos casos e participantes envolvidos no Projeto AECED
- Leituras recomendadas

1. Introdução



A democracia enfrenta atualmente múltiplos desafios: o declínio da confiança nas instituições e nos líderes, a polarização social e política, a disseminação da desinformação, a persistência de desigualdades e os obstáculos a um envolvimento cívico significativo, todos agravados por pressões globais. A forma de responder a estes desafios constitui uma questão urgente. O projeto AECED (2023–2026, financiado pelo Horizon Europe e pela UKRI) reuniu equipas de investigação de seis países — Croácia, Finlândia, Alemanha, Letónia, Portugal e Reino Unido — com o objetivo de responder a este problema.

Concluimos que uma parte essencial da resposta passa pela criação de oportunidades que permitam às pessoas estabelecer uma ligação com os valores, os princípios e as possibilidades da democracia — ou seja, com as qualidades humanas que sustentam a vida democrática — e experienciar o poder de se relacionarem com os outros de forma democrática.

Mas o que entendemos por estabelecer ligação? Referimo-nos à experiência da democracia como uma relação viva e sentida — à capacidade de sentir as suas ideias e possibilidades através do envolvimento, da reflexão e da interação, e não apenas através do pensamento abstrato.

Estabelecer uma ligação com a democracia não é apenas uma questão cognitiva, centrada no que as pessoas sabem e pensam. É igualmente importante reconhecer a aprendizagem que ocorre para além da linguagem — aquela que envolve os sentidos, as emoções, o movimento e as reações corporais. Trata-se de aprofundar a consciência das dimensões estéticas e corporizadas da democracia e das relações democráticas, bem como do seu papel no desenvolvimento de qualidades humanas essenciais.

A investigação evidencia que o corpo e as emoções desempenham um papel crucial na aprendizagem, ajudando-nos a compreender como podem ser cultivadas ligações à democracia. As atividades que envolvem movimento, consciência corporal, expressão criativa e reflexão sobre experiências estéticas e corporizadas são particularmente relevantes. Estas atividades podem permitir que as pessoas compreendam e experienciem a democracia de formas novas e pessoalmente significativas. São, por vezes, designadas como métodos de aprendizagem baseados nas artes e no corpo (MAC). Neste quadro, referimo-nos a elas como métodos pedagógicos estéticos e corporizados.

O valor destes métodos de aprendizagem abrange desde as crianças mais novas até adultos de todas as idades. Podem apoiar todas as pessoas, independentemente da idade, género, classe social ou origem racial ou étnica, a estabelecer uma ligação com a democracia. Designamos esta abordagem à educação para a democracia como Aprendizagem Estética e Corporizada para a Democracia (AECD).

Tal como referido anteriormente, estabelecer uma ligação com a democracia vai além do conhecimento e do pensamento. Envolve também formas de aprendizagem que ocorrem para além das palavras – através das sensações, das emoções, do ritmo, dos gestos, da proximidade, do silêncio e da presença partilhada. Esta aprendizagem «para além do verbal» pode influenciar a forma como as pessoas reconhecem a dignidade, a diferença, a vulnerabilidade, o poder e a responsabilidade nas interações do quotidiano, bem como a forma como a vida democrática é sentida, ensaiada e sustentada na prática.



Com base nestas ideias sobre a ligação à democracia através da aprendizagem estética e corporizada, o projeto AECED desenvolveu investigação e concebeu protótipos de um quadro de referência e de quatro guias práticos, com o objetivo de explorar de que forma estas abordagens poderiam apoiar a AECED em diversos contextos educativos e profissionais.

Os investigadores do consórcio realizaram 19 estudos de investigação-ação participativa, em diferentes contextos, incidindo sobre os protótipos do referencial pedagógico e dos guias, bem como sobre as experiências dos participantes na exploração da AECED e na utilização de métodos pedagógicos estéticos e corporizados.

A investigação foi desenvolvida nos seis países parceiros, abrangendo todos os níveis de educação: educação pré-escolar e ensino básico, ensino secundário, ensino superior e educação de adultos, incluindo ainda contextos de aprendizagem profissional e organizacional.



O trabalho desenvolvido no projeto AECED em torno da experimentação e aprofundamento do referencial pedagógico e dos guias baseia-se num conjunto diversificado de ideias desenvolvidas e aplicadas no âmbito da investigação.

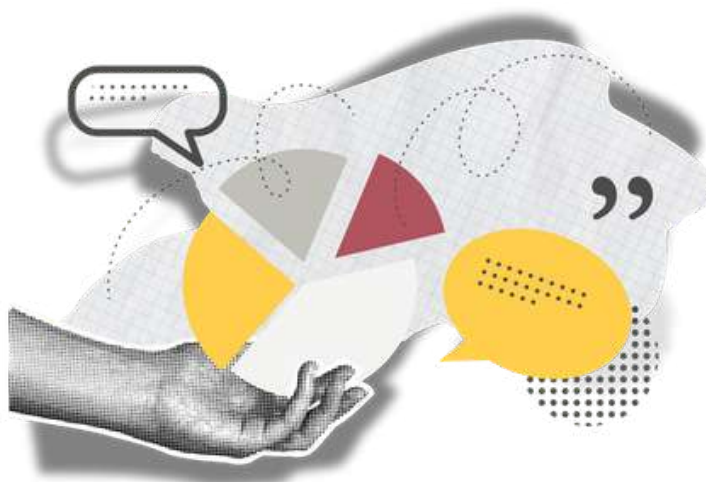
Estas incluem:

- Uma visão da democracia como um processo em constante construção, continuamente desenvolvido através de experiências estéticas, corporizadas e relacionais;
- Valores democráticos, como a liberdade, a igualdade, a equidade e a capacidade de resposta;
- Princípios da democracia holística, incluindo a partilha de poder, o diálogo transformador, o bem-estar relacional e a aprendizagem holística;
- A pedagogia responsiva, que concretiza o papel ativo tanto dos educadores como dos aprendentes, sublinhando que a educação é um processo partilhado, baseado na responsabilidade mútua e num fluxo contínuo de aprendizagem recíproca;
- A sensibilidade democrática, entendida como a capacidade de estar atento, valorizar, nutrir e responder às perceções, à consciência e aos sentimentos essenciais ao florescimento das práticas e das relações democráticas, e à construção de formas mais democráticas de relação com os outros;
- O “olhar empático”, enquanto atitude de aceitação de si próprio e dos outros com abertura e aceitação, suspendendo julgamentos imediatos e reconhecendo a vulnerabilidade e a diferença como recursos para uma aprendizagem mais democrática.

Os 19 estudos de caso de investigação-ação participativa demonstraram que a AECD pode:

- Cultivar qualidades essenciais à democracia;
- Aumentar a consciência das dimensões estéticas e corporais;
- Incentivar formas mais democráticas de aprendizagem e de construção do conhecimento;
- Ajudar as pessoas a compreender a democracia de novas formas, para além de um envolvimento exclusivamente cognitivo;
- Proporcionar percursos de aprendizagem abertos e repletos de possibilidades;
- Desenvolver uma sensibilidade democrática mais apurada.

Cada guia prático centra-se num nível de educação específico. Estes recursos estão disponíveis gratuitamente, podendo ser utilizados e adaptados por qualquer pessoa. Em conjunto, o referencial pedagógico e os guias práticos constituem uma base para o desenvolvimento e a implementação da AECD.



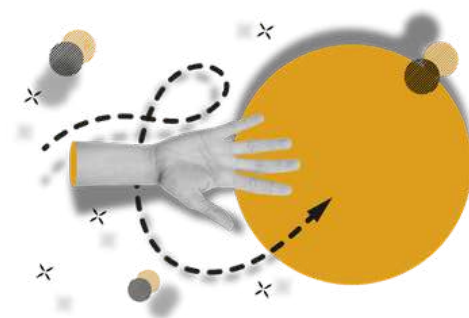
Muitos educadores, em diferentes níveis de ensino, já recorrem a métodos pedagógicos baseados nas artes e no corpo. A nossa investigação procura apoiar a expansão destas abordagens na educação para a democracia, em todas as disciplinas e níveis educativos.

Em síntese, é necessária uma maior aposta na AECD, pois esta ajuda as pessoas a explorar e a desenvolver uma ligação profunda com as qualidades, os valores e os princípios que tornam a democracia um processo vivo e participativo. O impacto da educação para a democracia pode ser reforçado através de um maior investimento e inovação na aprendizagem estética e corporizada.

Convidamo-lo a explorar este referencial pedagógico e a consultar os restantes recursos desenvolvidos no âmbito do projeto AECED. Mais informações estão disponíveis no site do projeto: www.aeced.org.

Nota importante:

O referencial pedagógico e os guias práticos não constituem planos a seguir de forma rígida, mas sim convites à exploração da AECD e à sua adaptação criativa a diferentes contextos educativos e culturais, na Europa e além dela.



2. Desafios atuais das democracias



Em toda a Europa e no mundo, a democracia enfrenta desafios crescentes. Muitas pessoas já não se sentem ligadas à democracia no seu quotidiano, ou sentem-se desiludidas com a forma como ela é praticada. A participação política, a confiança cívica e o sentido de ligação social estão a enfraquecer, enquanto a democracia é frequentemente percecionada como algo distante, formal ou meramente processual. No entanto, a democracia assenta em algo muito mais pequeno e frágil: as micropráticas quotidianas através das quais as pessoas escutam, negociam, cuidam umas das outras, se relacionam e agem em conjunto.

Quando estas bases enfraquecem — nas salas de aula, nas famílias, nos locais de trabalho e nas comunidades — a democracia perde o seu fundamento e a sua legitimidade. A Figura A ilustra os efeitos dos abalos e das tensões no «fundamento» da democracia, mostrando como múltiplos desafios e pressões podem corroer ou fragilizar a base sobre a qual assentam as relações e as instituições democráticas, tornando mais vulneráveis as práticas quotidianas que as sustentam.



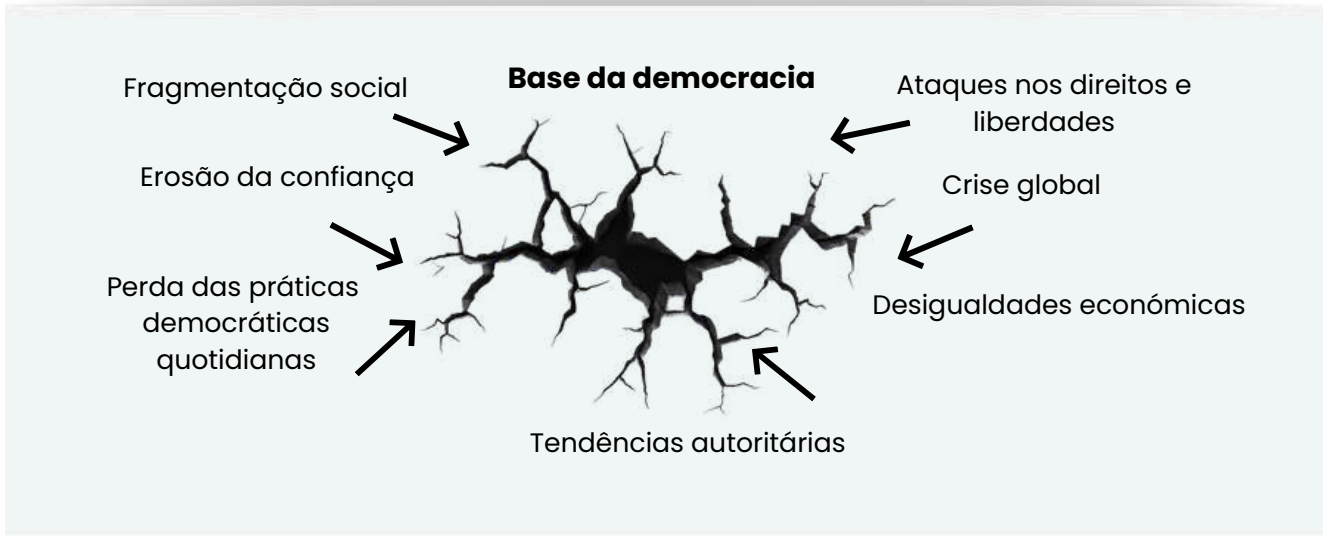


Figura A: Efeitos na base da democracia(Criado por Monika Pažur, 2025)

Figura A: Este diagrama apresenta a democracia como algo sustentado por práticas quotidianas «de base» (como as pessoas escutam, negociam, cuidam, se relacionam e agem em conjunto). Ilustra de que forma múltiplas pressões – como a fragmentação social, a erosão da confiança, a desigualdade económica, os ataques aos direitos e liberdades, as crises globais e as tendências autoritárias – podem enfraquecer ou fraturar essa base, tornando mais frágeis as práticas democráticas do quotidiano.

O desafio de apoiar a democracia não é apenas social e político – é também profundamente pedagógico. Coloca a questão de como as pessoas podem explorar ativamente o que significa tornar-se democráticas. A educação para a democracia vai além da transmissão de informação ou do incentivo à adoção de determinados valores, comportamentos ou formas de cidadania ativa. Deve envolver a imaginação, os sentimentos, as emoções e os sentidos corporais, bem como a capacidade de relação com os outros. Sem esse envolvimento, a democracia corre o risco de permanecer um ideal abstrato, em vez de ser vivida como uma prática real e viva.

Alunos e educadores podem compreender os valores democráticos a nível intelectual, mas, sem experiências concretas – incluindo movimento, diálogo e cocriação de atividades – poderão não sentir os benefícios de se ligarem a esses valores através dos seus sentidos, no quotidiano.

Imagine sentir-se tão exausto pelo stress e pela tensão do trabalho na educação que mal consegue manter-se de pé. Inclina-se sobre a secretária para não cair. Sente-se desligado, privado de direitos e desmoralizado. Agora observe o desenho abaixo (Figura B). Para este educador, a democracia surge como algo pesado: as oportunidades de participação tornaram-se mecânicas e a responsabilidade é sentida como um fardo. Olhar para este desenho desta forma recorda-nos que renovar a democracia não é apenas uma questão de ideais intelectuais. Requer também o cultivo das dimensões sensoriais, relacionais e experienciais da aprendizagem, que tornam a democracia tangível, mobilizadora e partilhada.



Figura B: Desenho de figura encurvada
(Registo gráfico e ilustração por Johanna Benz, 2024, Marburg)

Figura B: Esta imagem retrata um educador exausto, sugerindo que a participação democrática pode ser vivida como algo pesado, mecânico ou oneroso quando as pessoas se encontram sobrecarregadas. A figura reforça a ideia de que a renovação da democracia não é apenas uma questão intelectual; envolve também as dimensões sensoriais, relacionais e corporizadas da experiência.

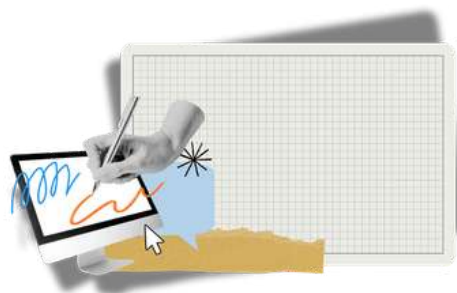
A investigação desenvolvida no projeto AECED identificou um conjunto de barreiras e constrangimentos que dificultam a integração e o desenvolvimento do tipo de aprendizagem estética e corporizada necessário para promover e renovar a democracia. Estas barreiras e constrangimentos variam consoante o contexto nacional e institucional, sendo moldados por condições históricas, culturais e políticas específicas.

Uma das formas que estes constrangimentos frequentemente assumem está associada ao que é habitualmente designado como políticas performativas e neoliberais. Estas orientações têm afetado muitas instituições educativas ao longo dos últimos anos, tendendo a limitar a autonomia profissional e a capacidade de inovação dos educadores, bem como a conduzir à avaliação do desempenho com base em indicadores burocráticos restritos e em metas de natureza financeira.

Em alguns contextos, os efeitos das políticas performativas e neoliberais podem não ser sentidos com a mesma intensidade. Ainda assim, os pressupostos curriculares são frequentemente vividos como formas restritivas de educação, que limitam o envolvimento da imaginação, dos sentimentos, das emoções, do movimento, dos sentidos corporais e da capacidade de relação com os outros. A par das pressões de tempo e das estruturas hierárquicas de tomada de decisão, funcionam como obstáculos à implementação de pedagogias participativas, criativas e democráticas.

Nos estudos de investigação-ação participativa desenvolvidos no âmbito do projeto AECED, muitos participantes descreveram interações de aprendizagem quotidianas marcadas pela hierarquia, por expectativas gestionárias, pela insatisfação e pelo medo, o que os impedia de falar livremente, tomar iniciativas ou influenciar decisões educativas. Torna-se, assim, evidente que as relações democráticas, em muitas instituições educativas, são frequentemente limitadas por desequilíbrios de poder e pela ausência de espaços seguros para um diálogo genuíno e significativo.

É necessária uma reformulação profunda da educação, para que as instituições educativas e outras possam assumir, de forma autêntica, a educação para a democracia – e a própria democracia – como uma prática viva, corporizada e estética. A nossa experiência com a AECED demonstra que essa reformulação pode começar com pequenas mudanças, como a introdução de atividades de AECED, capazes de abrir caminho a transformações mais profundas.



3. Porque é que a aprendizagem estética e corporizada é importante para a democracia?



A AECD oferece oportunidades para explorar as dimensões estéticas e corporizadas que são essenciais a uma prática viva e florescente da democracia. Contribui para uma educação para a democracia que vai além da abstração e da aprendizagem puramente cognitiva. Para explicar o valor da AECD, destacamos o que a investigação do projeto AECED revelou sobre a forma como a AECD pode promover uma ligação vivida e sentida à democracia.

Para compreender plenamente como as pessoas aprendem, é essencial reconhecer o papel das suas dimensões estéticas e corporizadas. Estas dimensões incluem experiências como os sentimentos, as sensibilidades éticas e espirituais, as capacidades criativas e imaginativas, bem como a experiência da beleza, da alegria, do sofrimento, da dor e das perceções corporais. Evocam não apenas sentimentos e emoções, mas também a construção de significado e avaliações sentidas – por exemplo, quando algo é percecionado como bom ou mau, mesmo antes de ser expresso em palavras. As experiências e expressões estéticas são sempre corporizadas e relacionais: acontecem no e através do corpo, e em relação com algo, com alguém ou com outras pessoas.



Ter em consideração as interligações entre sentimentos, percepções, movimentos e pensamento permite que as dimensões estéticas e corporizadas das pessoas se desenvolvam e floresçam, sem a predominância do pensamento linear e lógico, que tende a privilegiar o conhecimento cognitivo.

Este tipo de aprendizagem é mais completo e mais rico. Quanto mais valorizamos as dimensões estéticas e corporizadas, mais aprofundamos a nossa compreensão do mundo, de nós próprios e dos outros. A consciência e o cultivo destas dimensões são fundamentais para a prática da democracia. Desempenham um papel vital na forma como as pessoas se conhecem e se ligam a si próprias, aos outros e ao mundo, bem como no desenvolvimento de qualidades como a humildade, o respeito, a empatia, a escuta ativa, a integridade, a compaixão e a abertura a novas possibilidades – qualidades essenciais para sustentar a vida democrática.

Os resultados da investigação do projeto AECED indicam que a AECD atua em dois níveis interligados. Em primeiro lugar, promove qualidades democráticas como a empatia, a humildade, a atenção e a abertura. Em segundo lugar, e de forma igualmente relevante, proporciona aos participantes experiências concretas de relações democráticas e não democráticas em ação, permitindo-lhes compreender como o poder, a confiança, a responsabilidade, a inclusão e a exclusão se manifestam na prática.

A investigação desenvolvida no âmbito do projeto AECED demonstra que a democracia não é aprendida apenas através da discussão ou do raciocínio – é também sentida, percebida e vivida através do corpo, das relações e das experiências criativas. Com base numa investigação que incluiu 19 estudos de caso de investigação-ação participativa, realizados em seis países europeus, concluímos que a AECED pode ajudar as pessoas – independentemente do género, da idade, das capacidades, da classe social ou da origem étnica ou racial – a agir de forma democrática e a contribuir para o florescimento das práticas democráticas. Estas conclusões encontram-se resumidas na tabela seguinte.

Tabela A. Principais conclusões da investigação do projeto AECED sobre a AECED

A nossa investigação demonstrou que a AECED pode:

- Cultivar qualidades essenciais à democracia, como a empatia, a escuta ativa e a abertura à alteridade e a novas possibilidades;
- Aumentar a consciência estética e sensorial, permitindo que as pessoas se conheçam e compreendam a si próprias e ao mundo de diferentes formas, por exemplo, através de uma maior consciência corporal;
- Incentivar formas mais democráticas de aprendizagem e de construção do conhecimento, adotando abordagens mais abertas, dialógicas e coconstruídas;
- Ajudar as pessoas a compreender de forma diferente como a democracia pode ser conhecida e vivida, explorando-a de forma estética, corporizada e relacional, em interação com os outros;
- Constituir um percurso de aprendizagem e descoberta, enquanto processo aberto e não linear de transformação, repleto de possibilidades;
- Desenvolver a sensibilidade democrática, incluindo uma maior consciência dos sentimentos e das percepções corporais na ação democrática e na relação com os outros, bem como uma ligação vivida aos valores e princípios democráticos.



Aprender democracia através do movimento partilhado

Num curso de ensino superior sobre aprendizagem e democracia, estudantes e educadores cocriaram um projeto coletivo baseado na dança. Em vez de dirigir o processo, o educador convidou os participantes a explorar como as decisões poderiam ser tomadas em conjunto, através do movimento, da improvisação e da reflexão.

No início, os participantes sentiram-se inseguros. Alguns aguardavam instruções, enquanto outros hesitavam em tomar a iniciativa. À medida que o processo se desenvolvia, a liderança começou a circular de forma mais fluida. Os participantes aprenderam a escutar-se mutuamente, a negociar ideias e a partilhar a responsabilidade pelo trabalho em construção. Surgiram tensões quando as expectativas divergiram, mas esses momentos tornaram-se oportunidades de reflexão coletiva, em vez de serem vividos como fracassos.

No final do processo, os participantes descreveram ter aprendido a democracia não como um conceito, mas como uma prática vivida. A confiança, a participação, o cuidado e a responsabilidade foram experienciados como condições essenciais para que o trabalho prosseguisse. A dança funcionou como uma investigação partilhada sobre o modo como a democracia opera – e o que exige – quando o poder é partilhado, em vez de imposto.

Projeto AECED, Caso 10 – Educação de Adultos, Aprendizagem Organizacional e Profissional, Alemanha

Situar a AECD nos quadros europeus de educação para a democracia

Em toda a Europa, a crescente preocupação com a fragilidade da democracia tem conduzido a uma atenção renovada ao papel da educação na sustentação da vida democrática. Esta preocupação reflete-se num conjunto de quadros políticos e iniciativas europeias que destacam a cidadania ativa, a participação, a inclusão e a cultura democrática como dimensões centrais. Destaca-se, neste contexto, o trabalho do Conselho da Europa, que desenvolveu uma compreensão abrangente da competência democrática através do seu Quadro de Referência de Competências para a Cultura Democrática, no qual são identificados os valores, as atitudes, as competências, os conhecimentos e a compreensão crítica como elementos essenciais para a participação democrática.

De igual modo, na União Europeia, as iniciativas associadas ao Espaço Europeu da Educação e diversos documentos políticos sobre educação para a cidadania e a participação sublinham a importância da autonomia dos alunos, da inclusão e do envolvimento nos processos democráticos.

Embora os quadros existentes forneçam orientações normativas e políticas fundamentais, tendem a centrar-se sobretudo nas dimensões cognitivas, discursivas e institucionais da aprendizagem democrática. No entanto, nos debates europeus sobre o futuro da democracia e da educação, tem vindo a emergir um apelo crescente a formas de aprendizagem que vão além da mera transmissão de informação e da participação processual, valorizando mais profundamente a experiência, a relação e a construção de significado.

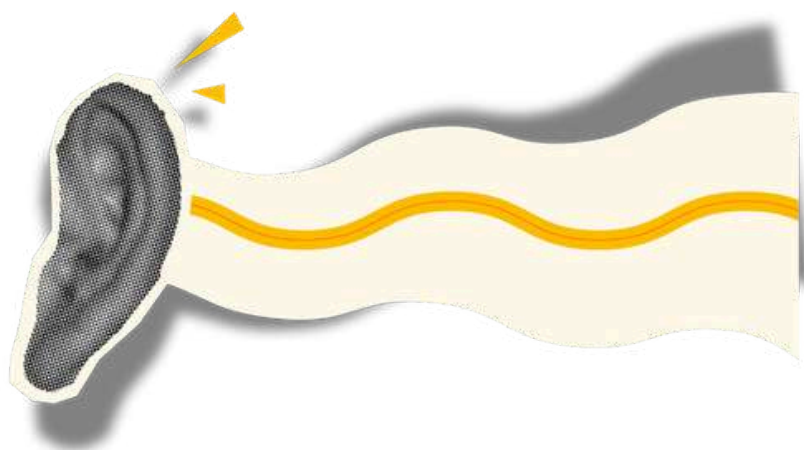
O quadro AECED baseia-se nestas abordagens e complementa-as, ao colocar em primeiro plano as dimensões estéticas, corporizadas, relacionais e afetivas da educação para a democracia. Neste contexto, a investigação do projeto AECED sugere que a AECED responde a estes desafios ao atuar no nível em que a vida democrática é efetivamente formada: na forma como as pessoas percebem, sentem, se relacionam e agem em conjunto.

Com base em estudos de investigação-ação participativa realizados em diversos contextos educativos, o projeto demonstra que as abordagens pedagógicas estéticas e corporizadas podem apoiar a aprendizagem democrática, através do desenvolvimento de qualidades relacionais, da ampliação das formas de conhecimento e da promoção de práticas educativas mais dialógicas e coconstruídas.

Desta forma, a AECD não oferece uma solução técnica para os desafios da democracia, mas contribui para os esforços europeus mais amplos de reimaginar a educação para a democracia como um processo vivido, experiencial e relacional.

Neste sentido, a AECD não se afasta dos quadros europeus existentes, mas acrescenta uma perspetiva pedagógica distinta: uma perspetiva que enfatiza a democracia como algo a ser experienciado, sentido e praticado no contexto educativo, e não apenas compreendido ou debatido.

Concluimos esta secção com a apresentação de um exemplo de uma atividade de AECD, que ilustra uma das formas através das quais esta abordagem pode enriquecer a educação para a democracia.





Sáimos do corredor do campus e entramos no pátio. Os estudantes conversam, mas peço-lhes que interrompam a conversa informal e se concentrem na experiência – escutando o que os rodeia, tomando consciência dos seus sentimentos, das tensões e dos pensamentos. Sentem os pés no pavimento, depois no cascalho e, por fim, no solo macio da floresta. Caminhamos em silêncio pela floresta atrás da universidade. Sinto o orvalho sob os pés e o cheiro da terra húmida. Os pássaros cantam junto ao lago, para lá das árvores. As botas rangem, as roupas roçam. Ouço a minha própria respiração e a deles.

Numa pequena clareira, formamos um círculo. Da mochila, retiro um novelo de lã. Entrego-o ao primeiro estudante e peço: partilhem uma ideia da vossa tese e outra da tese de um colega – segurem o fio enquanto passam o novelo ao seguinte. Um por um, ficamos ligados – os fios estendem-se pela clareira, enquanto as reflexões se entrelaçam entre nós.

Por vezes, os fios emaranham-se. Agachamo-nos, inclinamo-nos e esticamo-nos para os desembaraçar e fazer o novelo seguir o seu percurso. Aprendemos a não puxar o fio com demasiada força, nem a deixá-lo cair, para que a ligação não se desfaça. Quando o novelo cai, apanhamo-lo. Nesta teia de fios, a participação, a coconstrução e a tomada de decisões coletivas tornam-se tangíveis: a experiência que partilhamos, o conhecimento construído, a solidariedade e os desafios enfrentados.

Quando o círculo está completo, inicia-se uma nova tarefa: movermo-nos como um só, da floresta de volta ao campus, mantendo a rede intacta. Negociamos – verbalmente e em silêncio. Como caminhar por um trilho estreito sem que alguém perca o equilíbrio? Como sincronizar o ritmo e passar por uma porta? Por fim, estamos de regresso ao interior. É tempo de largar o fio – mas manter os laços que nos unem.

Esta experiência ensinou-nos que a aprendizagem democrática não se limita ao diálogo – emerge através de práticas corporizadas, de movimentos partilhados e de atmosferas afetivas, no ritmo dos corpos e no peso do fio entre as mãos. Os estudantes sentiram pertença, responsabilidade mútua e liberdade de expressão. O fio tornou visível o que muitas vezes permanece invisível: a interdependência, o cuidado e a força frágil da ligação, promovendo a partilha de poder e o bem-estar relacional. A democracia na educação é vivida, negociada e cocriada – sentida no corpo tanto quanto expressa em palavras. Algo que pudemos tocar, sustentar e mover em conjunto.

4. Definir a aprendizagem estética e corporizada para a democracia



A AECD oferece formas de explorar – através de atividades, da reflexão e do diálogo – as dimensões estéticas e corporizadas que são parte integrante de uma prática democrática viva e florescente. Desempenha um papel fundamental ao assegurar que a educação para a democracia vá muito além de um processo dominado por abstrações, pela aprendizagem cognitiva e por um pensamento linear e racionalista.

O objetivo da AECD

O seu objetivo é integrar os sentimentos, o movimento, a imaginação, a cocriação e a atenção ao cuidado na educação para a democracia; promover a construção conjunta de significados, a responsabilidade e a empatia; e fortalecer o sentido de interligação social e ecológica, bem como uma consciência que reconhece a interdependência entre os seres humanos e o ambiente. Em essência, a AECD procura cultivar um sentido pessoal e partilhado de democracia, descrito neste quadro como sensibilidade democrática.

O foco central da AECD

A AECD é uma forma de aprendizagem que envolve o corpo como um todo em processos de construção conjunta de significado e de cocriação. Considera não apenas o desenvolvimento do pensamento linear e lógico, que tende a privilegiar o conhecimento cognitivo, mas atribui também uma atenção particular às emoções, aos sentimentos, às sensações e aos movimentos corporais, bem como às capacidades criativas, imaginativas e outras formas de expressão.

A AECD valoriza a experiência estética e corporizada – momentos de beleza, perturbação, confusão, admiração e emoção – como catalisadora da compreensão e da transformação. O seu foco reside na forma como as pessoas constroem a democracia através da atividade corporal e das práticas criativas e reflexivas que as pedagogias estéticas e corporizadas tornam possíveis. Estes métodos procuram promover a compreensão da aprendizagem como um esforço coletivo, no qual o cuidado com os outros é valorizado.

A AECD enfatiza que a democracia precisa de ser vivida a nível pessoal, nos encontros educativos do quotidiano, para se tornar plenamente corporizada e para que se reconheça a importância da participação de cada pessoa na sua cocriação.

Os objetivos da AECD

Um dos principais objetivos da AECD é criar experiências educativas nas quais a democracia não seja apenas um tema a ensinar, mas uma experiência viva e partilhada. A Tabela B apresenta os objetivos mais específicos da AECD. Estes objetivos baseiam-se nas conclusões da nossa investigação e aprofundam os principais resultados resumidos na Tabela A da Secção 2.



Table A. Objetivos da AECD

- **Cultivar qualidades democráticas** — isto é, qualidades essenciais à democracia, como a humildade, o respeito, a curiosidade, a empatia, a escuta ativa, a responsabilidade coletiva e a abertura à alteridade e a novas possibilidades.
- **Aumentar a consciência estética corporizada** — isto é, desenvolver a consciência dos sentidos estéticos e corporizados, para que as pessoas se conheçam e compreendam a si próprias e ao mundo de diferentes formas.
- **Incentivar formas democráticas de aprendizagem e de construção do conhecimento** — passando de modelos rígidos e hierárquicos de transmissão de conhecimento para formas mais abertas, dialógicas e coconstruídas; isto pode incluir o questionamento das hierarquias existentes na educação e o empoderamento de alunos e professores como cocriadores do conhecimento.
- **Estabelecer uma ligação holística com a democracia** — ajudando educadores e alunos a compreender de forma diferente como a democracia pode ser conhecida e vivida, promovendo a valorização de abordagens que vão além de um envolvimento exclusivamente cognitivo, explorando-a de forma estética, corporizada e relacional, em interação com os outros; isto pode contribuir para o desenvolvimento de uma aprendizagem holística, que integra as dimensões cognitivas, emocionais e corporais da experiência humana.

- **Constituir um percurso de aprendizagem e descoberta, aberto a múltiplas possibilidades** – um processo aberto e não linear de transformação, no qual os participantes criam possibilidades inesperadas; isto implica ir além de ideias fixas e estar disponível para «ver» o outro e o ambiente de novas formas, bem como promover transformações mais amplas de si próprio, das relações, das instituições e da sociedade, através do diálogo, da criatividade e da imaginação.
- **Cultivar uma sensibilidade democrática aprofundada** – isto é, desenvolver uma maior consciência e valorização dos sentimentos, das perceções corporais e das qualidades humanas essenciais à vida democrática; fortalecer a ligação com os outros e com os valores e princípios democráticos; e promover uma maior abertura para aprender com e através dos outros, bem como para as novas compreensões, sentimentos e ideias que daí podem emergir.

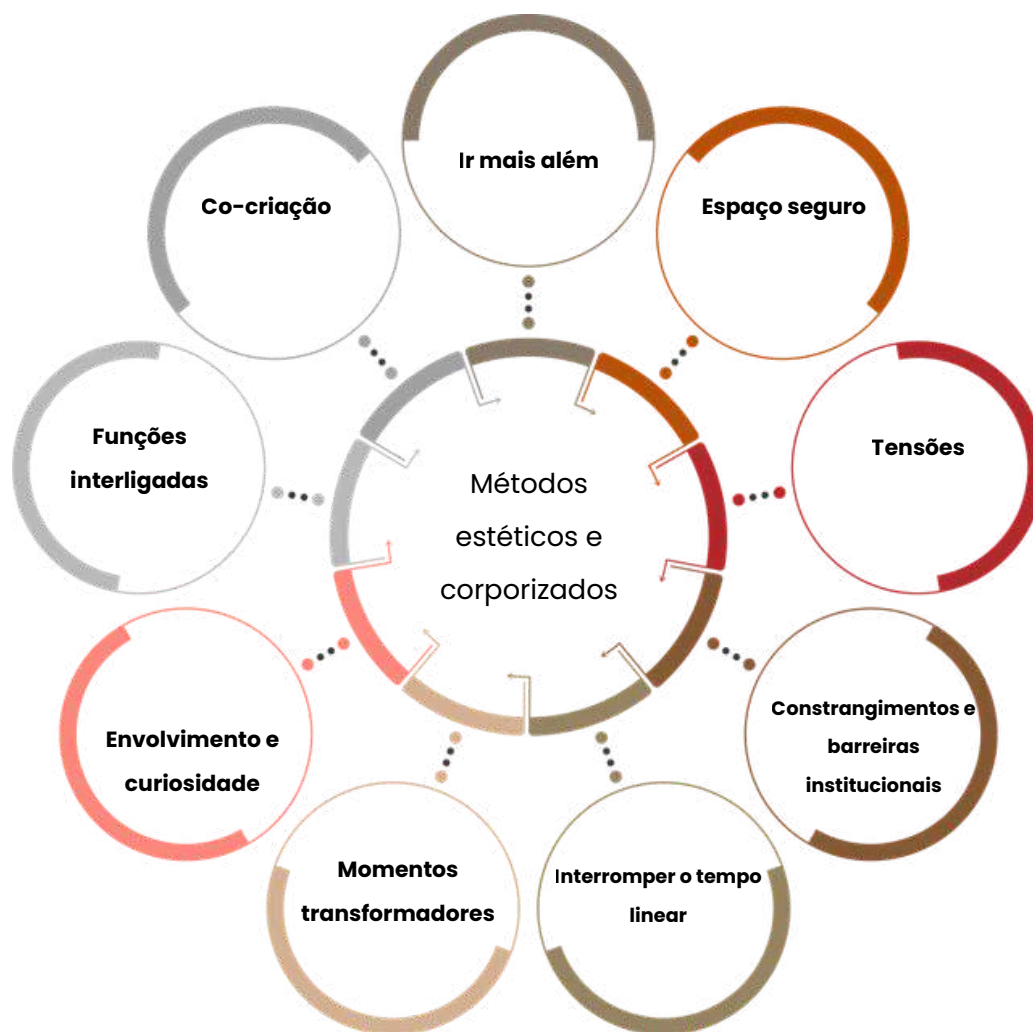
Em síntese, a Tabela B mostra que a AECD visa desenvolver qualidades democráticas e promover a participação, integrando as dimensões cognitiva, emocional, relacional e corporizada da aprendizagem, sem as tratar de forma separada.

A prática da AECD

As práticas da AECD dão vida à aprendizagem através do corpo, da imaginação e das relações. Envolvem o corpo e os sentidos, permitindo que o movimento, os gestos, a voz e a expressão visual se tornem formas de conhecimento que tornam a aprendizagem tangível e significativa. Através da imaginação e da criatividade, os participantes expressam ideias por meio da criação de desenhos, danças, histórias ou sons, descobrindo novas perspetivas sobre si próprios e sobre os outros. As atividades baseadas nas artes e no movimento promovem o diálogo e a reflexão, oferecendo linguagens partilhadas através das quais as pessoas podem explorar as relações, o poder e a participação.

A aprendizagem na AECD é cocriada, uma vez que os facilitadores e os participantes partilham responsabilidades, constroem confiança e constroem o conhecimento em conjunto. Desta forma, a AECD articula a aprendizagem com os valores democráticos. A capacidade de resposta, a igualdade, a equidade e a liberdade não são apenas discutidas, mas também vividas na prática, transformando os espaços educativos em expressões concretas da democracia em ação.

A Figura C apresenta as principais características das práticas de AECD identificadas na nossa investigação e ilustra de que forma os métodos pedagógicos estéticos e corporizados tornam possíveis e concretizam essas características.



Métodos estéticos e corporizados → facilitar / activar / operacionalizar → características AECD

Figura C: Características da AECD e respetivos métodos pedagógicos facilitadores

Figura C: O diagrama relaciona métodos estéticos e corporizados (por exemplo, movimento, diálogo, expressão criativa e práticas sensoriais e reflexivas) com características-chave da AECD. Mostra que estes métodos contribuem para ativar e sustentar qualidades da aprendizagem democrática, como a cocriação, os papéis interligados, o envolvimento e a curiosidade, os momentos de transformação, a interrupção do tempo linear, o trabalho com tensões, a criação de espaços suficientemente seguros e a superação de barreiras e constrangimentos institucionais.

Os métodos pedagógicos estéticos e corporizados não têm como objetivo produzir objetos artísticos ou realizar apresentações, mas sim promover a aprendizagem através de processos criativos – abrindo espaços onde as pessoas possam escutar, imaginar e cocriar. Exemplos incluem:

- Colagem, desenho, pintura e fotografia – para expressar percepções e emoções de forma visual;
- Movimento, dança e teatro – para explorar relações, identidade e cooperação através do corpo;
- Narrativas, poesia e escrita reflexiva – para articular significados e ligar experiências;
- Som, ritmo e performance – para mobilizar a atenção, a emoção e a expressão coletiva;
- Exercícios de atenção plena e práticas sensoriais – para aprofundar a consciência de si próprio, dos outros e do ambiente.

Estes métodos constituem os meios práticos através dos quais as características apresentadas na Figura C se tornam possíveis e são concretizadas.

Co-criação

Isto enfatiza o papel da colaboração no desenvolvimento da AECD, não apenas como um método pedagógico, mas como uma prática democrática em si mesma. Todos os participantes contribuem e aprendem através de atividades, discussões e experiências partilhadas.

Funções interligadas

Na AECD, os papéis dos participantes são geralmente fluidos. Por exemplo, os alunos não são posicionados como meros recetores de ensino, mas como agentes criativos e produtores de conhecimento, enquanto os educadores assumem igualmente uma posição de aprendentes.

Envolvimento e curiosidade

Refere-se à adoção de uma atitude ativa e questionadora na conceção e participação em atividades – estar atento, aberto a novas experiências e disponível para explorar ideias, sensações e relações.



Momentos transformadores

Envolvem a procura de mudança, desenvolvimento e transformação, não como algo imposto externamente, mas como um processo cocriado através do envolvimento corporal, do diálogo crítico e da reflexão. Os métodos pedagógicos estéticos e corporizados, ao envolverem o corpo, a imaginação e a emoção, facilitam este processo, permitindo que os participantes assumam temporariamente novos papéis, vozes e narrativas – possibilitando-lhes experienciar realidades alternativas nas quais se sentem mais focados, mais confiantes e mais empoderados.

Romper com o tempo linear convencional

Em muitos contextos educativos, o tempo é organizado de forma linear: as aulas seguem horários rígidos, a aprendizagem é dividida em etapas e o progresso é medido pela rapidez com que os conteúdos são abordados. Na AECD, o tempo é vivido de forma diferente. Cria-se espaço para um tempo aberto à aprendizagem – um tempo não apressado nem rigidamente estruturado, que permite aos alunos parar, observar, sentir, questionar e refletir. Isto favorece o diálogo e a construção de significados mais profundos, apoiando a reformulação contínua de ideias e pressupostos, em vez de se centrar apenas na conclusão de tarefas no final de uma aula.

Tensões

As tensões são inerentes à exploração e ao desenvolvimento da AECD, refletindo a complexidade da prática educativa democrática. Surgem frequentemente entre as expectativas e as realidades vividas, tanto a nível pessoal como institucional, bem como entre a necessidade de estrutura e o impulso para a criatividade.

Barreiras e constrangimentos institucionais

As barreiras e os constrangimentos institucionais moldam as condições em que a AECD pode ser desenvolvida e sustentada. Embora assumam diferentes formas consoante os contextos nacionais e institucionais, refletem frequentemente condições históricas, culturais e políticas específicas que limitam a inovação pedagógica. Esta característica evidencia de que modo as estruturas institucionais podem dificultar a transformação democrática, sobretudo quando a educação procura desenvolver-se através de abordagens estéticas, corporizadas e relacionais.

Espaço seguro

É importante que a AECD decorra em espaços seguros e acolhedores, onde os participantes possam sentir-se pertencentes. No cerne da AECD está aquilo que podemos designar como uma pedagogia do cuidado – uma abordagem que atribui especial atenção à segurança emocional, à ética relacional e à presença corporizada.

Ir mais além

A AECD foi concebida para promover a aprendizagem como um processo aberto e não linear de transformação, marcado pela mudança, pela incerteza e pela reflexão sobre a identidade. Em vez de resultados predeterminados, a AECD incentiva a abertura a novas possibilidades que emergem das relações democráticas.

Promove o movimento para além das limitações internas e externas: para além das normas educativas herdadas, das relações de poder estabelecidas (baseadas no género, na idade, na raça, entre outras), das restrições estruturais e daquilo que os próprios participantes inicialmente consideram possível. Este movimento é sustentado por práticas corporizadas, emocionais e imaginativas, que permitem ultrapassar as fronteiras do eu e do contexto.

Onde a AECD pode ser praticada

A AECD pode ser desenvolvida em qualquer contexto onde a democracia seja ensinada ou vivida – incluindo escolas, institutos, universidades, instituições culturais, locais de trabalho e espaços comunitários. Nos contextos em que a AECD já é praticada, existe potencial para aprofundar e ampliar as práticas existentes.

Espaço seguro e bem-estar relacional

Numa oficina de aprendizagem profissional, educadores e profissionais de organizações exploraram a democracia em formação através de métodos visuais e corporizados. Alguns participantes manifestaram inicialmente desconforto, expressando receio de exposição ou de julgamento ao trabalharem para além dos formatos habituais centrados na discussão.

Os facilitadores abrandaram o ritmo do processo, dando prioridade à atenção às respostas corporais dos participantes. Foram introduzidas atividades simples de enraizamento, mantendo-se sempre o carácter voluntário da participação. Com o tempo, os participantes relataram sentir-se progressivamente mais seguros para se envolver – para se mover, falar ou permanecer em silêncio, sem pressão.

À medida que a confiança se foi desenvolvendo, o grupo começou a abordar temas sensíveis, como a hierarquia, a exclusão e o poder nas suas próprias organizações. Os participantes descreveram como o facto de serem acolhidos com aceitação, em vez de avaliação – mais tarde conceptualizado como o olhar de aceitação – possibilitou um envolvimento mais profundo.

Esta experiência evidenciou que a segurança relacional não é apenas um complemento da aprendizagem democrática, mas uma prática democrática em si mesma. Sentir-se suficientemente seguro para participar de forma diferente permitiu o surgimento de novas formas de agência e de responsabilidade mútua.

Projeto AECED, Caso 10 – Ensino Superior e Educação de Adultos, Aprendizagem Organizacional e Profissional, Alemanha





5. Ideias centrais subjacentes à AECD

Aqui explicamos as ideias-chave que ajudam a compreender a AECD. Estas incluem o que entendemos por democracia em formação, bem como conceitos relacionados com os valores democráticos, os princípios democráticos, a pedagogia responsiva, a sensibilidade democrática e o olhar de aceitação. Cada um destes conceitos é apresentado e explicado separadamente.

Democracia em construção

A AECD baseia-se na ideia de democracia em construção.

Por democracia em construção, entendemos que a democracia nunca está concluída. Não é apenas um sistema político, uma forma de organização da governação ou um conjunto de regras, mas um processo vivo, em constante transformação, que se desenvolve através das nossas ações, relações e aprendizagens. Nesta perspetiva, a democracia é entendida como uma aspiração presente nas interações quotidianas, que procura promover a participação na definição dos contextos sociais e organizacionais e nas decisões que nos afetam, bem como afirmar a liberdade, a igualdade, a equidade e a capacidade de resposta.

Ninguém pode criar a democracia sozinho. Trata-se de um processo coletivo, no qual as ações individuais se interligam com as dos outros. O valor democrático da capacidade de resposta (abordado abaixo), por exemplo, só pode ser plenamente compreendido quando se reconhece que a sua concretização envolve respostas corporizadas e formas de comunicação entre as pessoas. Essas respostas corporizadas e essas interações contribuem para moldar o grau de democracia presente na cultura e nas relações de um grupo ou organização. As interações corporizadas influenciam a forma como as pessoas se sentem em relação a si próprias e aos outros — se se sentem incluídas ou excluídas, em igualdade ou desigualdade, livres ou inibidas para se expressarem.

É fundamental reconhecer que, numa democracia, as pessoas não interagem apenas a nível cognitivo, através da linguagem – por exemplo, em discussões, debates ou textos escritos. As pessoas comunicam também através de mensagens corporizadas, transmitindo o que sentem e respondendo à forma como os outros expressam os seus sentimentos. A democracia é, assim, um processo em contínua construção, que emerge de interações complexas e permanentes, nas quais a ação humana molda e é, simultaneamente, moldada pelas relações de que faz parte integrante.

Deste modo, trazer práticas democráticas para a educação não significa apenas ensinar sobre a democracia, mas também aprender através dela e com ela, praticando-a e refletindo sobre ela na sala de aula e noutros contextos educativos.

Aprendizagem não linear e «ir mais além»

Numa escola secundária, alunos e professores participaram em atividades de AECD que combinavam teatro, colagem e diálogo reflexivo. As primeiras sessões pareceram fragmentadas. Alguns alunos envolveram-se ativamente, enquanto outros questionaram a relevância das abordagens criativas para aprender sobre democracia.

O progresso foi irregular. Momentos de entusiasmo foram seguidos por resistência ou retraimento. Em vez de corrigirem o processo, os professores facilitadores incentivaram os participantes a permanecer com a incerteza e a continuar a refletir em conjunto.

Gradualmente, experiências anteriores reapareceram sob novas formas. Uma colagem criada semanas antes passou a informar discussões posteriores sobre justiça. Um exercício dramático que inicialmente parecia apenas lúdico tornou-se um ponto de referência para conversas sobre voz e exclusão. A aprendizagem desenvolveu-se através da revisitação e reinterpretação das experiências, em vez de seguir uma progressão linear, passo a passo.

Os participantes reconheceram que a aprendizagem democrática não é linear. Desenvolve-se ao longo do tempo, através da repetição e do envolvimento relacional – refletindo a democracia como um processo contínuo e inacabado.

Projeto AECED, Caso 11 – Ensino Secundário, Letónia



Valores democráticos

No cerne da AECD encontram-se os seguintes valores democráticos fundamentais:

- Liberdade
- Igualdade e equidade
- Capacidade de resposta

Estes valores são essenciais para promover a dignidade humana, os direitos humanos, o respeito e a valorização da diversidade cultural em todas as suas formas – incluindo as dimensões interseccionais de género, raça, idade, capacidade, contexto socioeconómico e outras identidades. Sustentam igualmente a participação, a justiça, a equidade e a igualdade de oportunidades. Ao integrar estes valores, a AECD procura promover um ambiente inclusivo, baseado na confiança e livre de opressão.

Este referencial pedagógico destaca estes valores democráticos – liberdade, igualdade e equidade, e capacidade de resposta – não como uma lista exaustiva, mas porque emergiram de forma consistente na investigação do projeto AECED como fundamentais para as relações democráticas no contexto educativo. Outros valores democráticos não são excluídos; pelo contrário, estes três funcionam como âncoras orientadoras a partir das quais outros valores e práticas podem ser explorados.

Liberdade

Liberdade significa criar espaços onde os participantes possam explorar, imaginar e expressar-se livremente, de formas que não sejam opressivas nem limitem a liberdade dos outros. Implica construir um ambiente que contrarie a opressão, o bullying e os comportamentos de vitimização, e que promova a abertura em relação a si próprio e aos outros. No contexto da educação para a democracia, a liberdade consiste em criar oportunidades para aprofundar a compreensão de que a nossa liberdade depende da liberdade dos outros, não sendo a liberdade de um indivíduo isolado.

Igualdade e equidade

O valor da igualdade e da equidade reflete o princípio de que, partindo do reconhecimento de que todas as pessoas têm valor e de que a voz, o corpo e a experiência de cada uma são importantes, ninguém deve, em princípio, ser excluído da participação. A igualdade implica que todos recebam o mesmo – por exemplo, que educadores e participantes na educação para a democracia tenham os mesmos direitos e responsabilidades, independentemente das suas origens socioeconómicas e socioculturais, como o género, a idade ou a identidade étnica.

A equidade, por sua vez, implica que cada pessoa receba o que necessita para poder beneficiar de oportunidades verdadeiramente iguais. Isto pode significar diferenciar os recursos e o apoio disponibilizados, de modo a contrariar os efeitos desiguais associados a diferentes origens socioculturais, géneros, nacionalidades, identidades racializadas, idades e capacidades físicas, que influenciam o posicionamento dos participantes na partilha de poder nas interações educativas. As questões de equidade dizem, assim, respeito à garantia de que cada participante dispõe dos recursos e do apoio necessários para poder participar e desenvolver-se plenamente, independentemente da sua origem.

A exploração da equidade pode também envolver a cocriação de oportunidades para refletir criticamente sobre as hierarquias de poder e de autoridade existentes, bem como sobre aquelas que importa questionar.

Na educação para a democracia, levar a sério a igualdade e a equidade implica criar oportunidades para refletir sobre as desigualdades, explorar formas de se olhar empático e procurar possibilidades para que todos os participantes — educadores e alunos — se apoiem e capacitem mutuamente.

Desigualdade, género e consciência corporizada

Num curso online de formação de professores, educadores da educação de infância e do ensino básico exploraram a democracia através de atividades estéticas e corporizadas adaptadas ao ambiente digital. Uma das atividades convidou os participantes a refletir sobre as suas práticas pedagógicas por meio de imagens e instruções simples de movimento.

Durante a reflexão, vários educadores tomaram consciência de como as expectativas de género influenciavam as interações na sala de aula — quem falava, quem mediava conflitos e quem assumia o trabalho emocional. Estes padrões foram frequentemente reconhecidos com desconforto, incluindo o reconhecimento do próprio papel dos participantes na sua reprodução.

As discussões em pequenos grupos revelaram padrões comuns entre participantes com diferentes funções e contextos, como momentos semelhantes de hesitação, autocensura ou incerteza ao abordar o tema da desigualdade. Vários participantes referiram que o ambiente online lhes pareceu mais seguro, por oferecer maior controlo sobre a forma de participação — por exemplo, permitindo mais tempo para pensar, utilizar o chat ou intervir sem a mesma exposição e julgamento imediato que ocorre num espaço presencial.

Os participantes observaram também que a reflexão corporizada os ajudou a compreender a desigualdade não apenas como uma questão abstrata, mas como uma realidade vivida através de gestos, papéis e expectativas do quotidiano. Em vez de oferecer soluções imediatas, o processo promoveu a consciência crítica, ajudando os educadores a reconhecer como a desigualdade se manifesta na prática e abrindo espaço para imaginar relações mais equitativas.

Caso AECED 16, Aprendizagem de Adultos, Profissional e Organizacional, Portugal



Capacidade de resposta

A capacidade de resposta não significa apenas participar em discussões, mas também estar atento às respostas corporais enquanto parte da agência corporizada. Implica escutar de forma holística – escutar os outros com todo o corpo. Ser responsivo significa cocriar espaços seguros de aprendizagem conjunta, através de um esforço coletivo para construir contextos educativos onde alunos e educadores pensam, trabalham e se desenvolvem em conjunto, cuidando uns dos outros.

A capacidade de resposta inclui também a criação de oportunidades para aprofundar a sensibilidade ao contexto e a atenção à diversidade das culturas locais, dos lugares, das identidades sociais e políticas, bem como das dinâmicas de poder e de empoderamento. Uma das formas de cultivar a capacidade de resposta na educação para a democracia consiste em promover a interação e a reflexão.

Interligar valores

Todos estes valores estão interligados e sobrepõem-se. Por exemplo, a liberdade deve ter em consideração a igualdade e a equidade, sendo exercida com capacidade de resposta e empatia em relação aos outros. Entendemos estes valores não apenas como conceitos abstratos, mas também como práticas ou capacidades corporizadas, que se manifestam nas nossas interações quotidianas e que podem ser cultivadas.

Ao compreendermos de que forma estes valores emergem – ou são negligenciados – nos nossos encontros corporizados com os outros, podemos aprender a desenvolvê-los mais plenamente através de práticas corporais.

Princípios democráticos

Estes princípios procuram descrever o que significa praticar a democracia como um processo de transformação. Identificámos quatro princípios que consideramos fundamentais para compreender a democracia nesta perspetiva e que serviram de base teórica à construção da AECD. Estes princípios são:

- Partilha de poder
- Diálogo transformador
- Aprendizagem holística
- Bem-estar relacional

Estes princípios são também, por vezes, designados como dimensões da democracia, pois ajudam a compreender o que a prática democrática exige e envolve. Constituem, assim, orientações que apoiam a ação na construção da democracia como um processo em contínua evolução. Não devem ser entendidos como instruções prescritivas, mas como compromissos orientadores que educadores, alunos, decisores políticos e instituições podem interpretar e concretizar nos seus próprios contextos.

Partilha de poder

A partilha de poder refere-se ao envolvimento ativo das pessoas na construção das instituições, da cultura e das relações que constituem o seu ambiente social e organizacional. Implica ter voz nos processos de decisão e dispor de meios para responsabilizar aqueles que exercem o poder. A partilha de poder pressupõe que os participantes possam exercer a liberdade de agir, sentir e pensar, incluindo a iniciativa de criar novas possibilidades. No entanto, a liberdade não é absoluta, podendo algumas ações ser enquadradas ou limitadas por regras e convenções partilhadas.

A partilha de poder não significa a ausência de estrutura, de normas comuns ou de responsabilidade. Pelo contrário, a prática democrática depende de referenciais partilhados e da disponibilidade dos indivíduos — incluindo os educadores — para assumir a responsabilidade de criar e manter ambientes de aprendizagem seguros, de confiança e justos. Em contextos educativos, a liberdade dos alunos é frequentemente possibilitada pelas responsabilidades específicas dos educadores, incluindo a necessidade de intervir quando tal é essencial para proteger o bem-estar relacional.

Diálogo transformador

O princípio do diálogo transformador implica a partilha e a exploração de diferentes pontos de vista, a participação em debates e a promoção do entendimento mútuo. Para que o diálogo seja verdadeiramente transformador, algumas características são essenciais. Por exemplo, deve ser conduzido com respeito mútuo entre os participantes e pelas diversas perspetivas, incluindo aquelas que possam ser desafiantes.

Requer também uma escuta ativa de todos os pontos de vista expressos. Além disso, é importante que o diálogo seja orientado por uma intenção explícita de aprofundar o entendimento mútuo, incentivar a crítica construtiva e ir além de interesses individuais ou de grupo mais restritos.

O diálogo transformador beneficia da abertura à reflexão sobre aquilo que estamos a viver, sobre o que é partilhado no diálogo e sobre como nos sentimos em relação a essas experiências, bem como da disponibilidade para nos darmos tempo para ponderar se concordamos ou não, em vez de reagirmos com julgamentos imediatos. É também fundamental a forma como comunicamos com os outros – tanto através da linguagem verbal como da comunicação corporal (ou seja, das mensagens que transmitimos e recebemos através do corpo, conforme referido anteriormente no contexto da democracia em construção).

Aprendizagem holística

O terceiro princípio é o da aprendizagem holística. Numa perspetiva holística e abrangente da democracia, o crescimento e o desenvolvimento das pessoas beneficiam da participação, da colaboração e do diálogo que são parte integrante da vida democrática. A aprendizagem holística, cultivada numa prática democrática orientada pelos quatro princípios, envolve o desenvolvimento das pessoas em todo o seu potencial humano – ou seja, não apenas ao nível do pensamento linear, que privilegia o conhecimento e as competências cognitivas, mas também ao nível da consciência, da sensibilidade e da capacidade de apreciar diferentes dimensões da experiência, como os sentimentos, as sensibilidades éticas e espirituais, a beleza, a alegria, a dor e o sofrimento, bem como a consciência e a compreensão das perceções corporais.

A aspiração deste tipo de democracia é o desenvolvimento integral da pessoa e da comunidade. Por essa razão, é por vezes designada como democracia holística.

Bem-estar relacional

O bem-estar relacional refere-se à qualidade das relações entre as pessoas, a comunidade e o ambiente em geral. No seu melhor, as relações e comunidades democráticas promovem um sentimento de coesão social, uma autoestima positiva e um sentido de pertença aos outros e ao mundo que partilhamos. Alimentam também um sentimento de ligação às outras pessoas e ao mundo natural, bem como a capacidade e a abertura a experiências que energizam, elevam e, por vezes, desafiam.

Para além do sentimento de pertença, uma comunidade democrática promove o empoderamento e o respeito pela individualidade, pela diferença e pela capacidade de pensar de forma autónoma. A democracia cria, assim, um contexto que favorece o desenvolvimento de um sentido de agência e de pertença.

Estas dimensões interagem entre si; não são independentes nem separadas. Constituem aspirações ideais, cujo grau de desenvolvimento e de integração na prática varia consoante o contexto e em função das influências do quotidiano – como as histórias locais e pessoais e os fatores culturais e institucionais. Estes fatores podem incluir experiências partilhadas de democracia e características sociais como o estatuto, os privilégios, as desigualdades e o acesso à educação.

As quatro dimensões – partilha de poder, diálogo transformador, aprendizagem holística e bem-estar relacional – oferecem um enquadramento para explorar e desenvolver formas de tornar as relações e as práticas mais democráticas.

Pedagogia responsiva

A pedagogia responsiva destaca uma abordagem educativa que entende a socialização como um processo mais complexo do que a simples conformação a modelos pré-definidos e uniformes, reconhecendo que as pessoas não só se compreendem de formas diferentes, como também participam enquanto corpos que sentem, percebem e se movem.

A pedagogia responsiva procura concretizar o papel ativo tanto dos educadores como dos alunos, sublinhando que a educação é um processo partilhado, baseado na responsabilidade mútua e num fluxo contínuo de aprendizagem recíproca. Exige reflexividade e consciência das nossas respostas estéticas e corporizadas, bem como atenção e capacidade de resposta ao contexto mais amplo – incluindo a história, o lugar, a política e o posicionamento social, como o género, a classe e a identidade racial ou étnica.

Vamos explicar isto com um pouco mais de detalhe. Na AECD, a pedagogia responsiva envolve a capacidade de responder a cinco dimensões inter-relacionadas da educação, nomeadamente:

1. A educação como um esforço conjunto que envolve responsabilidade partilhada. Isto significa que a aprendizagem não é entendida como um processo unidirecional, do educador para o aluno. As relações educativas e a aprendizagem são cocriadas através de atividades conjuntas e de interações entre educadores, alunos, comunidade, famílias e outras partes interessadas.

2. A educação como um fluxo contínuo de aprendizagem recíproca. Isto implica adotar uma atitude de atenção em relação aos próprios sentimentos e reações corporizadas, bem como aos dos outros, e cocriar espaços educativos que sejam, tanto quanto possível, seguros e promotores de crescimento partilhado.

3. As respostas corporizadas como parte integrante do processo de aprendizagem. Estas respostas manifestam-se na forma como somos afetados e influenciam o próprio processo de aprendizagem. A reciprocidade das respostas corporizadas é reconhecida ao compreender que os outros são igualmente afetados pelas suas próprias respostas corporizadas.

4. Estar atento aos fatores contextuais e responder às circunstâncias e ao seu significado para os envolvidos nas atividades e interações educativas. Estas circunstâncias resultam de um conjunto complexo de fatores, incluindo a cultura, a história, o lugar, as políticas e o posicionamento social em termos de género, classe social, raça, entre outros, bem como as formas como estes fatores se interligam. Esta combinação de fatores sociais, que pode gerar desigualdades (interseccionalidade), tem implicações importantes nas experiências das pessoas em relação aos valores e princípios democráticos e no grau em que, enquanto participantes na AECD, sentem que possuem agência, são incluídas, tratadas de forma equitativa e verdadeiramente ouvidas.

5. Possibilidades de transcender a fixidez do «meu» e do «teu». Isto implica compreender como cada um de nós está ligado aos outros através de respostas corporizadas recíprocas e como isso abre possibilidades de viver as situações de aprendizagem coletiva como processos coconstruídos, fluidos e capazes de ultrapassar as fronteiras individualistas que nos separam.

Sensibilidade democrática

A educação para a democracia inclui a aprendizagem sobre a democracia – as suas instituições e práticas, os direitos humanos, as desigualdades, a justiça social e outros temas – bem como o desenvolvimento de competências democráticas, como a capacidade de iniciar, participar ou responder a atividades democráticas. No entanto, não se limita ao conhecimento e às competências.

Para participar e valorizar a democracia, é essencial desenvolver uma apreciação dos seus valores e princípios. Esta apreciação não emerge apenas do pensamento, mas também da experiência vivida e sentida – através das perceções corporais e da interligação entre emoções, sentimentos e movimentos, que moldam a forma como construímos relações democráticas na ação. Estas dimensões estéticas e corporizadas da experiência e da valorização da democracia constituem aquilo a que chamamos sensibilidade democrática. A Figura D apresenta os diferentes aspetos da educação para a democracia.

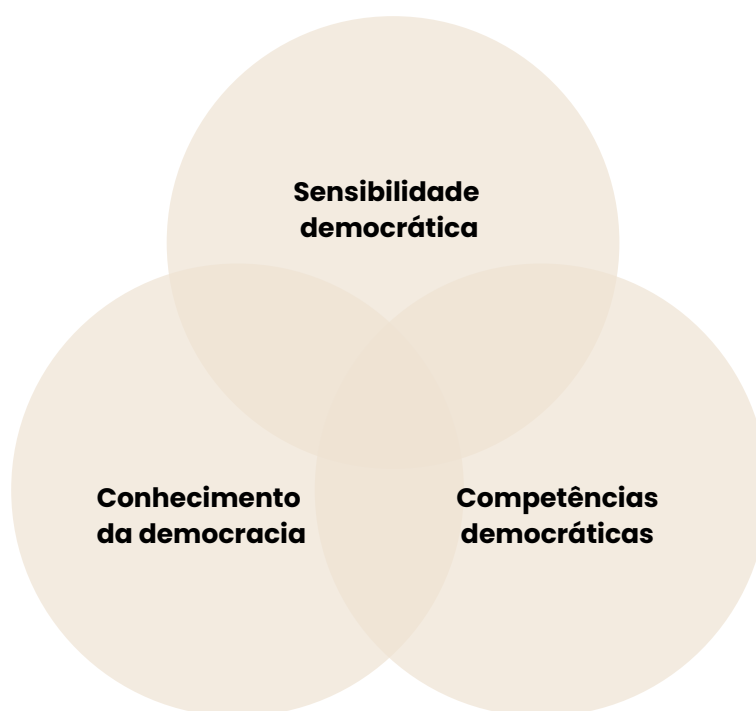


Figura D: A sensibilidade democrática no contexto de outros aspetos fundamentais da educação para a democracia

Figura D: Este diagrama, em forma de Venn, apresenta três dimensões inter-relacionadas da educação para a democracia: o conhecimento democrático (compreensão da democracia), as competências democráticas (capacidades e habilidades para a participação democrática) e a sensibilidade democrática (atenção às dimensões vividas, sentidas, relacionais e corporizadas da vida democrática). O diagrama sugere que estas dimensões se sobrepõem e se reforçam mutuamente, em vez de funcionarem como domínios separados.

O que é, então, a sensibilidade democrática?

É a capacidade de estar atento, valorizar, cultivar e responder às perceções, à consciência, às qualidades humanas e aos sentimentos que são essenciais ao florescimento das práticas e das relações democráticas, bem como à construção de formas mais democráticas de relação com os outros.

Os elementos definidores da sensibilidade democrática incluem:

- Consciência estética corporizada – uma valorização e sensibilidade em relação à dimensão estética e corporizada da experiência humana, bem como a capacidade de aprender com essa dimensão para responder aos outros e agir de forma mais democrática;
- Conectividade – uma consciência e uma ligação sentida consigo próprio, com os outros e com o mundo de que fazemos parte, incluindo a consciência de si, a consciência do outro e a sensibilidade à injustiça. A conectividade pode contribuir para o desenvolvimento dessa sensibilidade, especialmente quando articulada com oportunidades de reflexão crítica e de aprendizagem sobre contextos sociais, históricos e políticos;
- Qualidades exercidas na prática de uma democracia vibrante – incluindo atributos como a humildade, o respeito, a empatia, a escuta ativa, a integridade e a compaixão;
- Um sentido vivido da democracia, que envolve sentimentos de valorização e compromisso com os seus valores e princípios para:
 - Valores democráticos – uma percepção vivida e concreta do valor da liberdade, da igualdade, da equidade e da capacidade de resposta;
 - Princípios democráticos – orientações vividas para a partilha de poder, o diálogo transformador, a aprendizagem holística e o bem-estar relacional, envolvendo um sentido de valor e de significado atribuído às ideias e às práticas que estes princípios expressam.

olhar empático

A AECD beneficia e cultiva aquilo a que chamamos o olhar empático – uma forma de ver e acolher o mundo sem dominação nem julgamento. Significa olhar para si próprio, para os outros e para o ambiente com abertura, respeito e curiosidade, em vez de procurar controlar ou categorizar.

Praticar o olhar empático como um compromisso coletivo de acolher as próprias respostas e as dos outros de forma aberta contribui para a criação de ambientes de aprendizagem mais seguros. Isto é particularmente importante quando as atividades estéticas e corporizadas podem evocar formas de vulnerabilidade mais exigentes ou mais profundas do que aquelas que surgem em modalidades de aprendizagem mais centradas no plano cognitivo.

A AECD mobiliza diretamente dimensões pessoais e, por vezes, mais ocultas de cada pessoa, o que pode tornar-se intimidante ou opressivo se esse potencial de vulnerabilidade não for reconhecido e cuidado.

O olhar empático procura suspender preconceitos e pressupostos sobre si próprio e sobre os outros. Pode, assim, ser entendido como uma forma ética de perceber, através da qual a liberdade, a igualdade e a equidade têm maior probabilidade de se concretizar.

Praticar o olhar empático é uma escolha consciente de desenvolver uma maior sensibilidade ao que acontece em nós próprios, ao mesmo tempo que se cultiva uma atitude de abertura e de não julgamento em relação a si e aos outros. Incorporar o olhar empático não significa aceitar tudo de forma acrítica, mas sim acolher tudo o que emerge em cada encontro com uma atitude empática.

O olhar empático constitui, portanto, um elemento construtivo que contribui para a criação de espaços suficientemente seguros, nos quais se tornam possíveis formas democráticas de agir, deliberar e aprender em conjunto.

6. Públicos e contextos para a AECD



A AECD destina-se a todas as pessoas envolvidas na educação e na aprendizagem coletiva — desde a educação de infância até à idade adulta, em contextos formais, não formais e informais.

Dirige-se, em particular, aos seguintes grupos:

- Educadores — em escolas, institutos, universidades, contextos de educação de adultos e em contextos culturais ou comunitários;
- Formadores de professores, facilitadores e orientadores — que apoiam a aprendizagem de adultos, a aprendizagem profissional e organizacional, a supervisão e a inovação pedagógica;
- Líderes e gestores organizacionais — que influenciam as culturas e as estruturas das instituições de aprendizagem;
- Decisores políticos, designers curriculares e responsáveis pela definição de políticas educativas — que criam condições favoráveis ao desenvolvimento da AECD;
- Investigadores e artistas — que exploram e cocriam novas formas de compreender e concretizar a democracia através da educação.

A AECD integra, assim, uma ampla comunidade de práticas democráticas, ligando pessoas que se preocupam com a forma como a aprendizagem pode sustentar, renovar e cultivar um sentido vivido de democracia.

Quer a AECD já faça parte da prática dos leitores, quer seja uma abordagem nova, este quadro pode ser utilizado como ferramenta de reflexão, desenvolvimento e aprofundamento. Pode ser útil tanto para quem pretende consolidar e expandir práticas existentes, como para quem deseja explorar a AECD pela primeira vez.

O nosso convite a educadores, formadores de professores e facilitadores da aprendizagem de adultos, profissional e organizacional é o seguinte:

- Seja inovador onde a AECD já existe. Experimente novas formas de ligação entre a experiência estética e a participação democrática.
- Introduza a AECD onde ainda não é utilizada. Experimente atividades pequenas, criativas e corporizadas – por exemplo, movimento, desenho, criação de histórias ou reflexão partilhada – que convidem os participantes a sentir a democracia e a explorar ideias em conjunto.
- Reflita e partilhe. Observe o que muda quando a aprendizagem se torna mais sensorial, relacional e aberta – incluindo a forma como as pessoas escutam, participam e partilham o poder – e partilhe essas descobertas com outros.

Às organizações educativas e aos seus líderes:

- Apoiem a AECD como parte da cultura organizacional. Criem tempo e espaço para a experimentação, a colaboração e a reflexão no seio das vossas equipas.
- Removam barreiras. Valorizem as abordagens corporizadas, criativas e estéticas como formas legítimas de prática profissional e pedagógica para a democracia.
- Deem o exemplo de uma liderança democrática. Promovam a escuta, a participação e a responsabilidade partilhada em toda a organização.

A decisores políticos e designers curriculares:

- Reconheçam a importância da aprendizagem estética e corporizada para a democracia. Integrai-na nos currículos, nos quadros políticos e nas prioridades de financiamento.
- Capacitem em vez de restringir. Desenvolvam políticas para a AECD que confiem na criatividade e no julgamento profissional dos educadores.
- Promovam a democracia e as políticas de educação para a democracia através da participação. Desenvolvam políticas educativas em diálogo com educadores e aprendentes.

A investigadores e artistas:

- Aprofundem e documentem a compreensão da AECD. Exploreem de que forma os métodos pedagógicos estéticos e corporizados podem revelar novas perspetivas sobre a democracia.
- Colaborem com educadores e comunidades. Desenvolvam parcerias que coloquem em diálogo perspetivas artísticas, pedagógicas, cívicas, dos aprendentes e democráticas.



Barreiras institucionais e responsabilidade

Numa escola secundária, um professor introduziu atividades de AECD num currículo fortemente regulamentado e orientado por lógicas de responsabilização e prestação de contas. A integração de práticas corporizadas e dialógicas envolveu riscos profissionais, e nem todos os colegas se mostraram favoráveis.

As primeiras sessões foram desafiantes. Os alunos testaram limites e surgiram momentos de desorganização. Em vez de abandonar a abordagem, o professor clarificou as expectativas partilhadas e assumiu a responsabilidade de garantir um ambiente de aprendizagem seguro.

Com o tempo, os alunos tornaram-se mais disponíveis para assumir responsabilidade por si próprios – escutando com mais atenção, apoiando os colegas e refletindo sobre a forma como as suas ações afetavam os outros. A partilha de poder desenvolveu-se em articulação com uma estrutura clara, e não na sua ausência.

Esta experiência demonstrou que a AECD não elimina a autoridade nem as regras. Pelo contrário, transforma a forma como a responsabilidade é exercida, evidenciando que as relações democráticas na educação dependem simultaneamente da agência partilhada e de uma liderança responsável.

Projeto AECED, Caso 19 – Ensino Secundário, Reino Unido

O convite partilhado

Independentemente do seu papel, todas as pessoas envolvidas na aprendizagem podem:

- Explorar – experimentando a AECD nos seus próprios contextos;
- Expandir – estabelecendo ligações com outros e partilhando experiências;
- Apoiar – removendo obstáculos e defendendo a aprendizagem estética e corporizada como uma dimensão essencial da educação para a democracia.

A AECD é simultaneamente um conceito e um movimento. Desenvolve-se sempre que são criadas condições para uma aprendizagem responsiva, relacional, imaginativa e equitativa.



7. Adaptar a AECD a contextos locais, nacionais e culturais

A AECD não é um modelo fixo. Defende uma abordagem pedagógica flexível, que pode ser adaptada a qualquer contexto de aprendizagem, como escolas, institutos, universidades, organizações sem fins lucrativos ou outros tipos de organizações, bem como espaços comunitários. Os educadores podem adaptar a AECD de modo a refletir as suas comunidades, histórias, tradições, cultura e contexto.

A AECD diz respeito à forma como aprendemos em conjunto, e não à aplicação de um método único. No centro da AECD estão a diversidade, a imaginação e a capacidade de resposta – qualidades que lhe permitem assumir diferentes formas em diferentes contextos, mantendo o mesmo propósito: integrar na educação para a democracia o sentir, o movimento, a imaginação, a cocriação, a atenção ao cuidado e a construção partilhada de significado, e cultivar um sentido pessoal e coletivo de democracia – isto é, uma sensibilidade democrática.

O projeto AECED experimentou e aperfeiçoou a AECD em seis países europeus. Embora este trabalho tenha proporcionado uma experiência significativa na adaptação da AECD a diversos contextos europeus, será necessário desenvolver investigação adicional para explorar a forma como a AECD pode ser traduzida e aplicada em contextos não europeus ou em contextos culturais, religiosos ou sociopolíticos significativamente diferentes.

Porque é que a adaptação é importante

A democracia assume formas e significados diferentes consoante as culturas, as línguas e as histórias. As tradições e experiências relacionadas com atividades e formas de aprendizagem estéticas e corporizadas também variam entre pessoas e comunidades. Do mesmo modo, a forma como a educação de infância, o ensino básico e superior, bem como a aprendizagem de adultos, profissional e organizacional, são organizados e regulados difere entre contextos.

O que permanece constante é a necessidade de participação, de voz, de cuidado e de aprendizagem partilhada.

A AECD funciona melhor quando se desenvolve a partir das realidades locais – por exemplo, quando se baseia em:

- culturas locais, histórias, canções e movimentos que as pessoas já conhecem e em que confiam;
- ritmos, políticas e tradições dos sistemas educativos locais;
- necessidades, desafios e potencialidades específicas das comunidades, dos contextos e das organizações onde é implementada.

A adaptação não é um compromisso nem uma limitação; é o que mantém a AECD viva e relevante – embora exija diálogo e sensibilidade cultural.

Quando os educadores trabalham com práticas locais e materiais culturais próprios, a aprendizagem torna-se mais significativa, e os valores e princípios democráticos são vividos como autênticos, relevantes e partilhados.

Como se concretiza a adaptação

Adaptar a AECD pode significar:

- escolher formas criativas com significado local, como teatro, artesanato, narração de histórias, dança, arte digital ou atividades baseadas na natureza;
- ajustar o tempo, a dimensão dos grupos ou o espaço, de acordo com as condições práticas do cotidiano;
- articular os princípios da AECD com os currículos existentes, os objetivos institucionais ou os valores das comunidades;
- cocriar atividades com aprendentes, educadores, líderes e comunidades, que reflitam as suas experiências vividas.

O essencial é envolver-se com os princípios democráticos – partilha de poder, diálogo transformador, aprendizagem holística e bem-estar relacional – permitindo que estes assumam formas próprias e adequadas a cada contexto.

Como sabemos que a AECD é adaptável?

A investigação desenvolvida pelas seis instituições parceiras do projeto AECED demonstrou que a AECD se desenvolve em diversos contextos, desde ambientes ao ar livre e contextos experienciais até salas de aula tradicionais, workshops de desenvolvimento organizacional, formação de professores e contextos de educação de adultos. Cada contexto apresentou desafios específicos, mas, sempre que os princípios foram respeitados, a AECD promoveu consistentemente a ligação, a curiosidade e o cuidado.

Mesmo em sistemas marcados pela padronização ou por recursos limitados, os educadores encontraram formas pequenas, mas significativas, de dar vida à AECD, através da confiança, da exploração partilhada e da ação criativa.

8. Do referencial pedagógico à prática



Este referencial pedagógico não é um ponto de chegada — é um convite a iniciar e a continuar um percurso.

Convida-o — enquanto educador, formador de professores, facilitador da aprendizagem de adultos, profissional e organizacional, líder, gestor, decisor político, designer curricular, responsável pela tomada de decisão, investigador ou artista — a levar as ideias da AECD para a prática, no seu próprio contexto.

Não se pretende que siga um método fixo. Pelo contrário, é convidado a experimentar, refletir e adaptar — a explorar o que acontece quando a educação para a democracia se torna mais estética e corporizada, mais imaginativa e mais relacional.

Caminhos possíveis

O envolvimento com este quadro pode proporcionar-lhe:

- Inspiração — para refletir sobre as suas práticas atuais e imaginar novas formas, mais democráticas, estéticas e corporizadas, de envolver os aprendentes e de os ajudar a estabelecer uma ligação com a democracia;
- Curiosidade — para aprofundar a exploração dos valores, princípios e ideias apresentados neste quadro, que constituem os pilares da AECD e lhe conferem significado;
- Motivação para a mudança prática — para criar pontes entre o que adquiriu através do contacto com este quadro e as possibilidades de reforçar ou introduzir a AECD na sua própria prática ou instituição.

Utilize esta tabela para decidir por onde começar. Depois, passe para o Guia, onde encontrará passos práticos, exemplos e ferramentas.

Se é...	Comece aqui no referencial pedagógico	E a seguir?	O que vai adquirir
Educadores de qualquer nível educativo	Secções 3–4 (o que é a AECD + ideias fundamentais) + Secção 6 (adaptação a diferentes contextos)	O Guia correspondente à sua fase (Educação de Infância/Ensino Básico; Ensino Secundário; Ensino Superior; Educação de Adultos / Profissional / Organizacional)	Exemplos de atividades práticas, propostas de reflexão e ideias para adaptar a AECD ao seu contexto local
Formador de professores / facilitador / orientador	Secção 4 (ideias fundamentais) + olhar empático (criar condições “suficientemente seguras” para a participação)	Guia de fase + Guia complementar com recursos adicionais	Percurso pronto a facilitar, propostas de reflexão e experimentação, e formas de apoiar grupos com diferentes níveis de conforto e experiência
Líder organizacional / gestor	Secção 1 (desafios) + vinheta(s) sobre barreiras institucionais + Secção 6 (adaptação)	Guia de Educação de Adultos / Profissional / Organizacional + Guia complementar + Recursos de Comunidades Profissionais de Aprendizagem (pattern labs)	A AECD como uma abordagem centrada na cultura e nas condições: o que promover, o que proteger e como apoiar práticas democráticas nas instituições
Decisor político / designer curricular / responsável pela tomada de decisão	Secções 1–2 (porque é importante) + Secção 6 (capacidade de resposta ao contexto)	Qualquer Guia de qualquer fase (dependendo do nível em que intervêm) + Guia complementar com recursos adicionais	Enquadramento centrado nas condições facilitadoras, percursos de implementação por fase e linguagem que apoia uma adoção sustentável (não “tamanho único”)
Investigador / artista	Secções 2–4 (porquê / o que é / ideias fundamentais)	Guia complementar para recursos adicionais + Guias com exemplos e ligações à prática	Linguagem conceptual partilhada + pontos de entrada ligados à prática para investigação, documentação e investigação baseada nas artes

Comece com pequenos passos, adapte ao contexto local e utilize a reflexão para aperfeiçoar continuamente.

Articulação com os Guias para a prática

Para o apoiar no aprofundamento do trabalho iniciado com este Quadro, está disponível um conjunto de Guias para a Prática. Este Quadro explora o porquê e o que é a AECD. Os quatro Guias centram-se no como praticar a AECD.

Existe um Guia para cada uma das quatro fases da educação:

- Educação de infância e ensino básico
- Ensino secundário
- Ensino superior
- Educação de adultos, aprendizagem profissional e organizacional

Cada Guia:

- apresenta exemplos, atividades e ferramentas de reflexão recolhidos em diferentes países europeus;
- propõe estratégias adaptáveis a diversos níveis de ensino e contextos educativos;
- apoia educadores e organizações na conceção, implementação e reflexão sobre as suas próprias práticas inspiradas na AECD.

Estão também disponíveis recursos adicionais para complementar este Quadro e os Guias. Estes incluem informação sobre a investigação que lhes deu origem, textos de posicionamento sobre conceitos-chave, estudos de caso e vídeos. Todos estes materiais podem ser consultados no site do projeto AECED (www.aeced.org).



Em conjunto, o Quadro, os Guias e os recursos adicionais constituem uma ecologia viva de recursos:

- O Quadro oferece uma base nos valores, princípios, linguagem conceptual e numa síntese sobre porque é que a AECD é importante e em que consiste;
- Os Guias traduzem essas ideias em prática viva – convidando à reflexão, à criatividade e à experimentação;
- O Guia complementar e os Conjuntos de Recursos disponibilizam materiais e atividades adicionais para aprofundamento, incluindo, por exemplo, informação sobre a investigação que sustenta o Quadro e os Guias.

Explorar, experimentar, ligar

Para dar continuidade ao seu percurso com a AECD:

- Explore o site do projeto AECED, onde pode aceder ao Quadro, aos Guias e aos recursos adicionais desenvolvidos em seis países;
- Experimente e reflita – comece com pequenos passos ou desenvolva práticas já existentes, observe as mudanças que emergem e as respostas dos participantes, e permita que a prática e as políticas evoluam de forma democrática;
- Ligue-se a outros, dentro e fora da sua organização, para partilhar experiências, adaptações e participar em diálogos sobre a AECD.

Um processo vivo

A AECD não é um modelo fechado, mas um campo vivo e em crescimento de aprendizagem democrática. A sua força reside na forma como é reinventada por aqueles que a utilizam. Todos os que a experimentam contribuem para uma prática partilhada e em constante evolução – uma prática que aprende como a democracia pode ser sentida, corporizada e renovada através da aprendizagem – em qualquer parte do mundo.

Ao explorar, adaptar e partilhar a AECD no seu próprio contexto, e ao participar numa conversa mais ampla, contribui para manter a democracia viva – como algo que aprendemos, sentimos e cocriamos em conjunto.



**A AECD desenvolve-se
através de múltiplos
contextos.**

Anexos

Glossário



olhar empático

Uma forma de observarmos a nós próprios, os outros e o mundo de maneira aberta, curiosa e sem julgamentos – atenta ao que emerge, em vez de impor controlo. Na educação, permite que professores e aprendentes reconheçam o valor do que está presente e respondam com empatia. Esta prática é um processo contínuo de cocriar ambientes de aprendizagem seguros para métodos estéticos e corporizados. O olhar empático baseia-se na atenção e na aceitação, promovendo condições de liberdade, igualdade, equidade e capacidade de resposta na prática educativa e para além dela.

Estético

O conjunto de sentidos que evocam não apenas sentimentos e emoções, mas também processos de criação de significado pré-reflexivo e avaliações imediatas carregadas de emoção.

Aprendizagem estética e corporizada

A aprendizagem estética e corporizada é uma aprendizagem holística, na qual se consideram as interligações entre sentimentos, sentidos, movimentos e pensamento. Isto implica possibilitar que a nossa dimensão estética e corporizada cresça e floresça, sem que o desenvolvimento do pensamento linear e lógico – que tende a privilegiar o conhecimento cognitivo – assuma uma posição dominante.

Aprendizagem estética e corporizada para a democracia (AECD)

A AECD oferece formas de explorar – através de atividades, reflexão e diálogo – as dimensões estéticas e corporizadas que são parte integrante de uma prática viva e florescente da democracia. Desempenha um papel crucial ao assegurar que a educação para a democracia seja muito mais do que um processo de aprendizagem dominado por abstrações, pela aprendizagem cognitiva e por formas de pensamento lineares e racionalistas.

Métodos pedagógicos estéticos e corporizados

São atividades que envolvem movimento, consciência corporal e expressão criativa, bem como a partilha, a reflexão e a aprendizagem a partir de sentimentos e de percepções estéticas e corporais. Podem incluir: colagem, desenho, pintura e fotografia; movimento, dança e teatro; narração de histórias, poesia e escrita reflexiva; som, ritmo e performance; e exercícios de atenção plena ou de natureza sensorial. Os métodos pedagógicos estéticos e corporizados podem permitir que as pessoas compreendam e experienciem a democracia de novas formas que lhes sejam significativas. Estas atividades são, por vezes, designadas como métodos de aprendizagem baseados nas artes e corporizados (MAC).

Reflexividade estética e corporizada

Reflexão crítica e aprofundada que levanta e aborda questões desafiantes sobre os padrões, valores, crenças e pressupostos presentes nas nossas experiências estéticas, e na qual a atenção é intencionalmente dirigida às respostas corporais como parte integrante do processo de aprendizagem.

Métodos baseados nas artes e corporizados

Ver Métodos pedagógicos estéticos e corporizados.

Atenção plena

Uma qualidade de atenção profunda e sustentada — que permite notar o sutil, o negligenciado, o corporizado. A atenção plena é simultaneamente cognitiva e ética: cria espaço para o cuidado, a curiosidade e o encontro genuíno com os outros.

Resposta corporal

Os corpos respondem ao ambiente, incluindo aos outros aprendentes, através dos seus movimentos, sentidos, emoções e pensamentos, tanto de forma consciente como inconsciente. Estas respostas são recíprocas, ocorrendo simultaneamente em todas as relações educativas.

Democracia em construção

Uma compreensão da democracia como um processo vivo e inacabado, continuamente criado através das nossas interações, escolhas e relações. Não é um sistema fixo, nem apenas um sistema político, uma forma organizacional de governação ou um conjunto de regras. É um processo vivo, em permanente movimento, algo que praticamos e renovamos todos os dias – na forma como falamos, escutamos, colaboramos e cuidamos.

Princípios democráticos

Descrevem o que significa praticar a democracia em construção e oferecem orientações para a ação na criação da democracia enquanto processo de devir. Ver a entrada do glossário correspondente a cada um dos valores: Partilha de poder; Diálogo transformador; Aprendizagem holística; e Bem-estar relacional.

Sensibilidade democrática

Em termos simples, é um sentir da democracia. A sensibilidade democrática é a qualidade de estar atento, de valorizar, de nutrir e de responder aos sentidos, à consciência, às disposições e aos sentimentos que são vitais para o florescimento das práticas e das relações democráticas, bem como para nos relacionarmos com os outros de formas mais democráticas.

Valores democráticos

São os valores democráticos fundamentais que estão no cerne da AECD. Ver a entrada do glossário correspondente a cada um dos valores: Liberdade; Igualdade e equidade; e Responsividade.

Educação para a democracia

Refere-se ao apoio e à preparação das pessoas para participarem ativamente em sociedades e contextos democráticos e para se relacionarem com os outros de forma democrática. A educação para a democracia inclui a aprendizagem sobre o conhecimento da democracia (as suas instituições e práticas, os direitos humanos, as desigualdades, a justiça social, entre outros aspetos) e o desenvolvimento de competências democráticas (como as capacidades das pessoas para iniciar, envolver-se ou responder a atividades democráticas). No entanto, não se limita ao conhecimento e às competências. Inclui também o apoio e a preparação das pessoas para participarem e se envolverem democraticamente com os outros, através do cultivo da sensibilidade democrática.

Igualdade e equidade

A igualdade e a equidade são valores democráticos centrais no cerne da AECD e baseiam-se no reconhecimento de que todas as pessoas são valorizadas e de que a voz, o corpo e a experiência de cada uma importam. A igualdade implica que cada pessoa receba o mesmo que as restantes: por exemplo, que educadores e participantes na educação para a democracia disponham dos mesmos direitos e responsabilidades, independentemente da sua idade, género, classe, identidade racial ou étnica e contexto socioeconómico. A equidade implica que cada pessoa receba aquilo de que necessita para poder usufruir de igualdade de oportunidades: por exemplo, pode significar a diferenciação dos recursos e apoios atribuídos a algumas pessoas, de modo a contrariar os efeitos desiguais de diferentes contextos socioculturais, género, nacionalidades, idade e capacidades físicas, que posicionam os participantes na educação para a democracia de forma diferenciada em relação a princípios como a partilha de poder nas interações educativas.

Corporização

Uma perspetiva holística sobre o ser humano, que enfatiza a compreensão das interligações entre corpo-mente, corpo-ambiente, corpo-outros corpos e instituições-corpos.

Liberdade

A capacidade de pensar, agir e expressar-se de forma aberta e responsável. A liberdade é um dos valores democráticos centrais no cerne da AECD. Um sentido vivido do valor da liberdade pode orientar o conteúdo e a forma da AECD, contribuindo para moldar a forma como os ambientes de aprendizagem são criados e partilhados.

Aprendizagem holística

A aprendizagem holística reconhece que a aprendizagem não ocorre apenas através da instrução formal ou da leitura, mas através de múltiplas formas – como a produção artística, o movimento, a discussão, a visualização de filmes ou a reflexão partilhada sobre experiências vividas. Em muitos casos, estas experiências podem ser mais significativas ou transformadoras do que o próprio conteúdo formal, precisamente porque envolvem sentimentos, relações e compreensão corporizada.

Imaginação

A capacidade humana de conceber o que ainda não existe, de vislumbrar possibilidades e de empatizar com outras perspetivas. A imaginação permite às pessoas reimaginar a educação e a democracia, tornando a transformação concebível e desejável.

Linguagem de Padrões do Comum (PLC)

Um conjunto de padrões recorrentes que descrevem como as pessoas se organizam coletivamente para cuidar e sustentar recursos partilhados através de práticas democráticas e relacionais. Apresentada sob a forma de um baralho de cartas, a PLC apoia a reflexão, o diálogo e a aprendizagem coletiva, ajudando os grupos a explorar e a estabelecer ligações entre práticas do comum de forma aberta e não prescritiva. Este tema é desenvolvido com maior detalhe no guia e no manual de práticas para a educação de adultos e para a aprendizagem profissional e organizacional.

Partilha de poder

A partilha de poder diz respeito ao envolvimento ativo na configuração das instituições, da cultura e das relações que constituem o nosso ambiente social e organizacional. Isto inclui ter voz nas decisões que nos afetam, responsabilizar aqueles que detêm poder e contribuir para novas possibilidades que emergem do diálogo e da interação colaborativa. Inclui também a autonomia individual para tomar iniciativas, expressar a identidade e agir livremente, exercendo uma agência proativa (iniciar e concretizar mudanças com confiança e convicção para as levar até ao fim), dentro dos parâmetros de valores e responsabilidades acordados.

Bem-estar relacional

O bem-estar relacional é o resultado da interação entre a individualidade e a ligação aos outros. Diz respeito à criação de coesão social (num sentido mais amplo de interligação) e a sentimentos positivos de envolvimento através da participação. Promove sentimentos de empoderamento e elevada autoestima enquanto membro de uma comunidade democrática que valoriza a individualidade – isto é, a capacidade de pensar por si próprio, desenvolver as suas capacidades holísticas e exercer uma agência proativa. Esta comunidade caracteriza-se por condições e relações férteis que apoiam e são enriquecidas pelo facto de cada pessoa estar aberta às suas próprias possibilidades. Cria também um contexto que gera um sentido de pertença e que ajuda a nutrir a ligação aos outros, ao mundo natural e a tudo o que sustenta o espírito humano.

Responsividade

A responsividade significa estar atento às necessidades, vozes e experiências dos outros, bem como às próprias ressonâncias corporais (emoções, sensações e pensamentos) que emergem na relação com os outros. É um dos valores democráticos centrais no cerne da AECD. Um sentido vivido do valor da responsividade pode orientar e moldar o conteúdo e a forma da AECD, contribuindo para definir a forma como os ambientes de aprendizagem são criados e partilhados.

Pedagogia responsiva

A pedagogia responsiva procura concretizar o papel ativo tanto dos educadores como dos aprendentes, enfatizando que a educação é um empreendimento partilhado, assente na responsabilidade mútua e num fluxo contínuo de aprendizagem recíproca. Exige reflexividade e consciência das nossas respostas estéticas e corporizadas, ao mesmo tempo que requer atenção e capacidade de resposta ao contexto mais amplo – incluindo a história, o lugar, as políticas e os posicionamentos sociais, como o género, a classe e a raça.

Diálogo transformador

O diálogo transformador envolve a troca e exploração de perspetivas e o envolvimento em debate aberto, através da prática do respeito mútuo entre os participantes e da expressão de pontos de vista diversos e diferenciados, escutando todas as perspetivas expressas e possibilitando a partilha de crítica construtiva. O propósito a que este diálogo aspira é ir além de perspetivas e interesses pessoais ou setoriais restritos, aprofundar a compreensão mútua e, tendo em vista o bem comum, procurar áreas de acordo, reconhecer e ampliar a compreensão dos desacordos persistentes e criar novas possibilidades de ação partilhada.

Contextos dos casos e participantes/aprendentes envolvidos no projeto AECED

Caso	Parceiro	Participantes	Nível educativo	Identificador
1	Croácia	Pré-escolar e primeiro ciclo	Pré-escolar e primeiro ciclo	CR:1
2	Croácia	Primeiro ciclo	Primeiro ciclo	CR:2
3	Croácia	Docentes e investigadores de pós-doutoramento	Ensino superior	CR:3
4	Croácia	formação de professores	Ensino superior	CR:4
5	Finlândia	Docentes e estudantes	Ensino superior	FI:5
6	Finlândia	Docentes e estudantes Terapeutas de dança e movimento	Educação de Adultos, Ensino profissional e aprendizagem organisational	FI:6

Contextos dos casos e participantes/aprendentes envolvidos no projeto AECED

Caso	Parceiro	Participantes	Nível educativo	Identificador
7	Alemanha	Estudantes de licenciatura e de mestrado	Ensino superior	DE:7
8	Alemanha	Profissionais a trabalhar em escolas, no serviço social, no Ministério da Educação e em instituições de inclusão social, participantes num programa de mestrado de formação contínua no ensino superior	Educação de Adultos, Ensino profissional e aprendizagem organisational	DE:8
9	Alemanha	Rede Alemã do Comum (profissionais, conselheiros, educadores e ativistas na área do Comum)	Educação de Adultos, Ensino profissional e aprendizagem organisational	DE:9
10	Alemanha	Peritos, multiplicadores e facilitadores em educação artística e estudantes do ensino superior em formação de professores	Educação de Adultos, Ensino profissional e aprendizagem organisational	DE:10

Contextos dos casos e participantes/aprendentes envolvidos no projeto AECED

Caso	Parceiro	Participantes	Nível educativo	Identificador
11	Letónia	Professores, diretores e estudantes do ensino secundário	Ensino secundário	LV:11
12	Letónia	Professores, diretores e estudantes do ensino secundário	Ensino secundário e Educação de Adultos	LV:12
13	Letónia	Professores, diretores e estudantes do ensino secundário	Ensino secundário e aprendizagem intergeracional	LV:13
14	Portugal	Professores e educadores do pré-escolar e ensino básico	Pré-escolar e ensino básico	PT:14
15	Portugal	Professores e educadores do pré-escolar e ensino básico	Pré-escolar e ensino básico	PT:15

Contextos dos casos e participantes/aprendentes envolvidos no projeto AECED

Caso	Parceiro	Participantes	Nível educativo	Identificador
16	Portugal	Professores do ensino profissional	Educação de Adultos e formação profissional	PT:16
17	Portugal	Professores do ensino profissional	Educação de Adultos e formação profissional	PT:17
18	Reino Unido	Orientadores de doutoramento	Educação de Adultos e formação profissional e ensino superior	UK:18
19	Reino Unido	Professores	Ensino secundário	UK:19

Leituras recomendadas



Para explorar a AECD com maior profundidade, o melhor ponto de partida é o website do Projeto AECED, em www.aeced.org. Aí pode encontrar:

- O referencial pedagógico (este documento)
- Os guias AECED para a Prática, que oferecem exemplos, atividades e ferramentas de reflexão
- O conjunto de recursos produzidos
- Os relatórios de investigação (Deliverables D4.4 e D4.5), que descrevem como a AECD foi desenvolvida e experimentada, bem como a forma como os resultados foram sintetizados em seis países europeus:
 - AECED Project. (2024). National and intra-phase synthesis reports (Deliverable D4.4). AECED Project. (www.aeced.org)
 - AECED Project. (2025). Transnational conclusions and evidence based implications (Deliverable D4.5). AECED Project. (www.aeced.org)
- Position Papers (available at <https://aeced.org/resources/>):
 - Jääskeläinen, P., Woods, P. A., & Oganisjana, K. (2025, June). The importance of the aesthetic-embodied dimension in learning for democracy [Position paper]. AECED Project
 - Woods, P. A. (2024, November). The four dimensions of holistic democracy [Position paper]. AECED Project.
 - Woods, P. A., & Pažur, M. (2025, December). Democratic sensibility [Position paper]. AECED Project.



Aprendizagem estética e corporizada

- Biesta, G. (2017). Letting art teach: Art education after Joseph Beuys. ArtEZ Press.
- Dewey, J. (1934). Art as experience. Minton, Balch & Co.
- Eisner, E. W. (2002). The arts and the creation of mind. Yale University Press.
- Fuchs, T. (2018). Ecology of the brain: The phenomenology and biology of the embodied mind. Oxford University Press.
- Gallagher, S. (Ed.). (2011). The Oxford handbook of the self. Oxford University Press.
- Greene, M. (1995). Releasing the imagination: Essays on education, the arts, and social change. Jossey-Bass Publishers.
- Jääskeläinen, P., Woods, P. A., & Oganisjana, K. (2025). The importance of the aesthetic-embodied dimension in learning for democracy [Position paper]. AECED Project.
- Laban, R. von, & Lawrence, F. C. (1974). Effort: Economy of human movement (2nd ed.). Macdonald & Evans.
- Shusterman, R. (2012). Thinking through the body: Essays in somaesthetics. Cambridge University Press.



Educação e democracia

- Arendt, H. (1958). *The human condition*. University of Chicago Press.
- Ball, S., & Collet-Sabé, J. (2022). Against school: An epistemological critique. *Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education*, 43(6), 985–999. <https://doi.org/10.1080/01596306.2021.1947780>
- Biesta, G. J. J. (2011). *Learning democracy in school and society: Education, lifelong learning, and the politics of citizenship*. Sense Publishers.
- Bollier, D., & Helfrich, S. (2019). *Free, fair, and alive: The insurgent power of the commons*. New Society Publishers.
- Collet-Sabé, J., & Ball, S. J. (2024). Without school: Education as common(ing) activities in local social infrastructures—An escape from extinction ethics. *British Journal of Educational Studies*, 72(4), 441–456. <https://doi.org/10.1080/00071005.2023.2298776>
- Collet-Sabé, J., & Ball, S. J. (2023). Beyond school: The challenge of co-producing and commoning a different episteme for education. *Journal of Education Policy*, 38(6), 895–910. <https://doi.org/10.1080/02680939.2022.2157890>
- Dewey, J. (1916). *Democracy and education: An introduction to the philosophy of education*. Macmillan.
- Mouffe, C. (2000). *The democratic paradox*. Verso.
- Todd, S. (2015). *Toward an imperfect education: Facing humanity, rethinking cosmopolitanism*. Routledge.
- Woods, P. A., & Woods, G. J. (2010). The geography of reflective leadership: The inner life of democratic learning communities. *Philosophy of Management*, 9(2), 81–97. <https://doi.org/10.5840/pom20109213>



Pedagogia de AECD

- Dallmayr, F. (2017). *Democracy to come: Politics as relational praxis*. Oxford: Oxford University Press.
- Dewey, J. (1916). *Democracy and education: An introduction to the philosophy of education*. Macmillan.
- Dewey, J. (1933). *How we think: A restatement of the relation of reflective thinking to the educative process*. D. C. Heath.
- Dewey, J. (1934). *Art as experience*. Minton, Balch.
- Docherty, T. (2006). *Aesthetic democracy*. Stanford: Stanford University Press.
- Ellsworth, E. (1989). Why doesn't this feel empowering? Working through the repressive myths of critical pedagogy. *Harvard Educational Review*, 59(3), 297–324.
- Freire, P. (2005). *Pedagogy of the oppressed (30th anniversary ed.)*. Continuum.
- Fuchs, T., & De Jaegher, H. (2009). Enactive intersubjectivity: Participatory sense-making and mutual incorporation. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, 8(4), 465–486. <https://doi.org/10.1007/s11097-009-9136-4>
- Greene, M. (2007). *Toward a pedagogy of thought and a pedagogy of imagination* [PDF]. Maxine Greene Institute. https://maxinegreene.org/uploads/library/toward_pt.pdf
- hooks, b. (1994). *Teaching to transgress: Education as the practice of freedom*. Routledge.
- Plot, M. (2012). Our element: Flesh and democracy in Merleau-Ponty. *Continental Philosophy Review*, 45, 235–259. <https://doi.org/10.1007/s11007-012-9213-1>

Leituras recomendadas



- Plot, M. (2014). *The aesthetico-political: The question of democracy in Merleau-Ponty, Arendt, and Rancière*. Bloomsbury.
- Lakoff, G., & Johnson, M. (1999). *Philosophy in the flesh: The embodied mind and its challenge to Western thought*. Basic Books.
- Mezirow, J. (1991). *Transformative dimensions of adult learning*. Jossey-Bass.
- Rosa, H. (2020). *The uncontrollability of the world* (J. C. Wagner, Trans.). Polity.
- Selman, R. L. (2003). *The promotion of social awareness: Powerful lessons from the partnership of developmental theory and classroom practice*. Russell Sage Foundation.
- Taylor, E. W., & Cranton, P. (Eds.). (2012). *The handbook of transformative learning: Theory, research, and practice*. Jossey-Bass.
- Woods, P. A., Culshaw, S., Smith, K., Jarvis, J., Payne, H., & Roberts, A. (2023). Nurturing change: Processes and outcomes of workshops using collage and gesture to foster aesthetic qualities and capabilities for distributed leadership. *Professional Development in Education*, 49(4), 600–619. <https://doi.org/10.1080/19415257.2023.2187432>



Democracia em construção

- Asenbaum, H. (2022a). Democratic assemblage. In A. Davidian & L. Jeanpierre (Eds.), *What makes an assembly? Stories, experiments, and inquiries* (pp. 249–260). Evens Foundation & Sternberg Press.
- Asenbaum, H. (2023). *The politics of becoming: Anonymity and democracy in the digital age*. Oxford University Press.
- Barad, K. (2007). *Meeting the universe halfway: Quantum physics and the entanglement of matter and meaning*. Duke University Press.
- Heinämaa, S. (2018). Embodiment and bodily becoming. In D. Zahavi (Ed.), *The Oxford handbook of the history of phenomenology* (pp. 533–557). Oxford University Press.
- Merleau-Ponty, M. (1968). *The visible and the invisible* (C. Lefort, Ed.; A. Lingis, Trans.). Northwestern University Press. (Original work published 1964)
- Merleau-Ponty, M. (2012). *Phenomenology of perception* (D. A. Landes, Trans.). Routledge. (Original work published 1945)
- Plot, M. (2014). Our element: Flesh and democracy in Merleau-Ponty. *Continental Philosophy Review*, 45, 235–259. <https://doi.org/10.1007/s11007-012-9213-1>
- Plot, M. (2014). *The aesthetico-political: The question of democracy in Merleau-Ponty, Arendt, and Rancière*. Bloomsbury.
- Woods, P. A. (2024). *The four dimensions of holistic democracy* [Position paper]. AECED Project.



Valores democráticos

- Collins, J., Hess, M., & Lowery, C. (2019). Democratic spaces: How teachers establish and sustain democracy and education in their classrooms. *Democracy & Education*, 27(1), 1–12.
- Council of Europe. (2018). Reference framework of competences for democratic culture: Vol. 1. Context, concepts and model. Council of Europe. <https://rm.coe.int/prems-008318-gbr-2508-reference-framework-of-competences-vol-1-8573-co/16807bc66c>
- Opheim, V. (2004). Equity in education (Analytical report). NIFU STEP.
- Woods, P. A. (2017) 'Freedom: Uniqueness and diversity at the heart of social justice', in P. S. Angelle (ed) *A Global Perspective of Social Justice for School Principals*, Charlotte, NC: Information Age Publishing.



Princípios democráticos

- Bächtiger, A., Dryzek, J. S., Mansbridge, J., & Warren, M. E. (Eds.). (2018). The Oxford handbook of deliberative democracy. Oxford University Press.
- Dallmayr, F. (2016). Freedom and solidarity: Toward new beginnings. University Press of Kentucky.
- Dallmayr, F. (2017). Democracy to come: Politics as relational praxis. Oxford University Press.
- Räber, M. (2020). Knowing democracy: A pragmatist account of the epistemic dimension in democratic politics. Springer.
- Woods, P. A. (2021). Democratic leadership. In Oxford Research Encyclopedia of Education. Oxford University Press.

<https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190264093.013.609>



Pedagogia responsiva

- Ashby-King, D. T., Iannacone, J. I., Salzano, M., & Ledford, V. A. (2025). Theorizing critical care: Examining communication instructors' care-based pedagogies. *Communication Teacher*, 39(4), 349–369. <https://doi.org/10.1080/17404622.2025.2489661>
- Khalil, N., Aljanazrah, A., Hamed, G., & Murtagh, E. M. (2023). Teacher educators' perspectives on gender responsive pedagogy in higher education. *Irish Educational Studies*, 43(4), 903–919. <https://doi.org/10.1080/03323315.2023.2174575>
- Mannion, G., Fenwick, A., & Lynch, J. (2013). Place-responsive pedagogy: Learning from teachers' experiences of excursions in nature. *Environmental Education Research*, 19(6), 792–809. <https://doi.org/10.1080/13504622.2012.749980>
- Rychly, L., & Graves, E. (2012). Teacher characteristics for culturally responsive pedagogy. *Multicultural Perspectives*, 14(1), 44–49. <https://doi.org/10.1080/15210960.2012.646853>
- Savage, C., Hindle, R., Meyer, L. H., Hynds, A., Penetito, W., & Sleeter, C. E. (2011). Culturally responsive pedagogies in the classroom: Indigenous student experiences across the curriculum. *Asia-Pacific Journal of Teacher Education*, 39(3), 183–198. <https://doi.org/10.1080/1359866X.2011.588311>



Sensibilidade democrática

- Boler, M. (1999). *Feeling power: Emotions and education*. Routledge.
- Docherty, T. (2006). *Aesthetic democracy*. Stanford University Press.
- Vendrell Ferran, I. (2022). Feeling as consciousness of value. *Ethical Theory and Moral Practice*, 25(1), 71–88. <https://doi.org/10.1007/s10677-021-10244-x>
- Kennedy, D. (2017). Anarchism, schooling, and democratic sensibility. *Studies in Philosophy and Education*, 36(5), 551–568. <https://doi.org/10.1007/s11217-016-9534-3>
- Rosa, H. (2024). *Democracy needs religion* (V. A. Pakis, Trans.). Polity.
- Todd, C. (2014). Emotion and value. *Philosophy Compass*, 9(10), 702–712. <https://doi.org/10.1111/phc3.12167>
- Todd, S. (2023). *The touch of the present: Educational encounters, aesthetics, and the politics of the senses*. SUNY Press.
- Woods, P. A. (2016). Against ideology: Democracy and the human interaction sphere. In E. A. Samier (Ed.), *Ideologies in educational administration and leadership*. Routledge.
- Woods, P. A., & Pažur, M. (2025). *Democratic sensibility [Position paper]*. AECED Project.



Olhar de aceitação

- AECED Project. (2025). Transnational conclusions and evidence-based implications (Deliverable D4.5). AECED Project. (URL forthcoming)
- Jääskeläinen, P. (2023). The reversibility of body movements in reach searching organisational relations (Doctoral dissertation, University of Lapland). <https://urn.fi/URN:ISBN:978-952-337-396-9>
- Jääskeläinen, P., & Vola, J. (in press). Acceptive gaze in encountering barriers of uncertainties: Openings for organising democratising pedagogies. In S. M. Weber & L. Revsbæk (Eds.), *Organizing in times of uncertainty: Research perspectives of organizational education*. Springer.